



AUTONOMIA
arqueologia

Relatório Final

**Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico e Educação Patrimonial
do Empreendimento UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras**

Rio de Janeiro-RJ

2016

AUTONOMIA ARQUEOLOGIA – Serviços de Pesquisa em Patrimônio Cultural e Educação

contato@autonomia-arqueologia.com

Fones: +55 21 3083-9367 / 3083-9368

www.autonomia-arqueologia.com

ÍNDICE

1.	Apresentação	1
2.	Ficha Técnica do Projeto	1
3.	Caracterização do Empreendimento	2
3.1.	Área do Canteiro de Obras	3
4.	Projeto de Salvamento Arqueológico e Registro das Áreas de Interesse Cultural (AIC's)	5
4.1 -	Objetivos da Pesquisa	5
4.2 -	Conceituação da Pesquisa	5
4.3 -	Metodologia do Salvamento Arqueológico	6
4.4 -	Metodologia de Registro Áreas de Interesse Cultural (AICs)	9
5.	Contextualização Arqueológica	10
6.	Contextualização Etno-Histórica e Histórica	13
7.	Execução do Salvamento Arqueológico	30
7.1 -	Resgate do SítioBoa Vista 1 (SBV1)	30
7.1.1 -	1ª Etapa–Detecção de Áreas de Concentração de Material Arqueológico	31
7.1.2 -	2ª Etapa –Intervenções Arqueológicas Intensivas	35
7.1.3 -	Resultados	42
7.2 -	Resgate do SítioBoa Vista 2 (SBV2)	46
7.2.1 -	1ª Etapa – Detecção de Áreas de Concentração de Material Arqueológico	46
7.2.2 -	2ª Etapa – Intervenções Arqueológicas Intensivas	53
7.2.3 -	Resultados	59
7.3 -	Resgate do SítioFazenda Angolinha (SFA)	64
7.3.1 -	1ª Etapa–Detecção de Áreas de Concentração de Material Arqueológico	64
7.3.2 -	2ª Etapa – Escavações Arqueológicas Intensivas	70
7.3.3 -	Resultados	76

8.	Áreas de Interesse Cultural	81
8.1.	Área de Interesse Cultural 1	81
8.2.	Área de Interesse Cultural 4	82
8.3.	Área de Interesse Cultural 5	84
9.	Educação Patrimonial	86
9.1.	Apresentação	86
9.2.	Justificativa	88
9.3.	Objetivos	89
9.4.	Metodologia	92
9.5.	Execução da Atividade de Educação Patrimonial	96
9.6.	Avaliação das Atividades	108
10.	Avaliação de Impactos e Recomendações	109
11.	Equipe Técnica	110
12.	Referências Bibliográficas	111

1. Apresentação

O presente Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico e Educação Patrimonial referente à fase de implantação da Área do Canteiro de Obras do empreendimento UHE Itaocara I, visa dar continuidade às atividades de Arqueologia das áreas onde serão executadas as obras para implantação da UHE Itaocara I, no Rio Paraíba do Sul. A implantação desse empreendimento, em sua totalidade, abrange os municípios de Santo Antônio de Pádua, Aperibé, Itaocara e Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro, e o município de Pirapetinga, no Estado de Minas Gerais. Todavia na fase atual de implantação da Área do Canteiro de Obras, abrangerá o município de Aperibé-RJ.

Este documento compreende a descrição dos serviços executados, que integram o “Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico e Educação Patrimonial do Empreendimento UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras”, em conformidade com as diretrizes propostas pela Legislação Federal em vigência, em especial à Lei Federal nº 3.924/1961, Decretos Federais nº 25/1937 e nº 3.551/2000, Portaria SPHAN nº 007/1988, Portaria IPHAN nº 230/2002 (vigente à época do início do processo); e ao texto da Constituição Federal de 1988, Artigos 215 e 216, destinando-se assim à promoção de resguardo e salvaguarda do acervo arqueológico e patrimonial cultural, visando o engrandecimento e enriquecimento do Patrimônio Cultural do país.

Em virtude da inserção do processo de licenciamento ambiental de empreendimentos potencialmente impactantes ao meio ambiente, durante a década de 1980, a pesquisa arqueológica foi incluída nos estudos ambientais através da Resolução CONAMA 001/1986, estabelecendo que os sítios arqueológicos de natureza histórica e pré-histórica são objetos de estudo a serem componentes importantes na consideração da emissão das Licenças Ambientais de tais empreendimentos.

2. Ficha Técnica do Projeto

Nome do Projeto: Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico e Educação Patrimonial do Empreendimento UHE Itaocara I.

Processo IPHAN:01450.011803/2015-49

Portaria IPHAN:nº 09 de 26 de fevereiro de 2016, publicada no DOU nº 39, seção 01, de 29 de fevereiro de 2016.

Executor do Projeto:

Autonomia Arqueologia - Serviço de Pesquisa em Patrimônio Cultural e Educação Ltda.

Endereço: Rua Barão de São Francisco, 373 sl 420

CEP: 20541-371 – Vila Isabel – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3083-9367 / 3083-9368 / 99758-9120 (Filipe)

Responsável Técnico: **Filipe André do Nascimento Coelho**

filipe.coelho@autonomia-arqueologia.com

Financiamento do Projeto:

Consórcio UHE Itaocara

Representante Legal: **Luiz Carlo Amarilho**

Endereço: Avenida Marechal Floriano, 168, 2º andar, Centro, Rio de Janeiro - RJ

CEP: 20.080-002

Telefones: (21) 8022-3435 / 3861-2800

Instituição de Endosso à Pesquisa e Guarda do Material Arqueológico:

Laboratório de Arqueologia Brasileira (LAB)

Representante Legal: **Jeanne Cordeiro de Oliveira**

Endereço: Rua Queimada n 5, Bairro Santa Cruz da Serra

Duque de Caxias - RJ

Telefone: (21) 2678-3153 / (21) 3273-3725

arqueolabbrasil@gmail.com

3. Caracterização do Empreendimento

A UHE Itaocara I é um empreendimento para geração de energia hidrelétrica a ser implantado no baixo Paraíba do Sul, na divisa de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Esta usina abrange os municípios indicados no Quadro .

Quadro 1– Municípios da Área de Influência do Empreendimento

UF	Município	Tipo de interferência
MG	Pirapetinga	Reservatório
RJ	Santo Antônio de Pádua	Reservatório
	Aperibé	Reservatório e Barramento
	Itaocara	Reservatório e Barramento
	Cantagalo	Reservatório

O arranjo geral consiste na implantação das estruturas de barramento, vertimento e geração alinhadas ao longo do eixo situado na extremidade montante da ilha Serena, com extensão total de cerca de 1.240 m. As estruturas de concreto serão posicionadas com o vertedouro na calha do canal esquerdo da Ilha Serena e o muro divisor, tomada d'água e casa de força na margem esquerda. O muro de abraço para encosto da barragem será situado à direita do vertedouro. A partir deste muro desenvolve-se a barragem, de aterro compactado, até o encontro com a ombreira direita.

A Área de Impacto Direto - AID, assim como no EIA/RIMA, foi definida como o conjunto das áreas destinadas à instalação da infraestrutura necessária à implantação e operação do empreendimento, que no caso da UHE Itaocara I, equivalem a:

- áreas inundadas permanentemente em função do barramento;
- terrenos destinados ao estabelecimento da Área de Preservação Permanente (APP) do Reservatório;
- os trechos afetados por redução de vazão, barramentos, diques e canais;
- áreas destinadas à obras civis decorrentes ou associadas ao empreendimento, como a Linha de Transmissão, vilas residenciais, alojamentos, canteiros de obras, vias de acesso aproveitadas ou novas, áreas de empréstimo, bota-foras, e áreas de segurança.

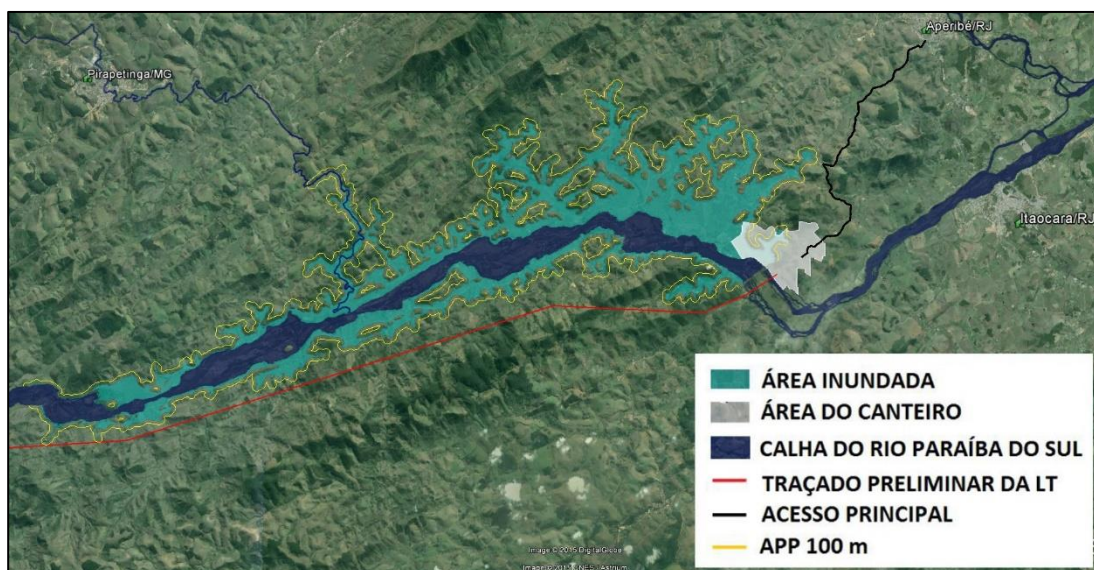


Figura 3-1 – Área de Impacto Direto - AID

3.1. Área do Canteiro de Obras

A primeira etapa do empreendimento UHE Itaocara I, consiste nas obras das estruturas do acampamento provisório, para construção alojamentos, escritórios, refeitório, sanitários, oficinas, almoxarifado, áreas de empréstimo, áreas de segurança, entre outras. Além disso, os primeiros acessos internos dentro do canteiro serão definidos e abertos em função da necessidade do Consórcio Construtor em interligar as estruturas do canteiro, jazidas de solo, rocha e areia já identificadas pelos estudos de sondagem. A coleta de resíduos e efluentes será específica para esta fase quando serão utilizados, banheiros químicos ou fossas sépticas e containers para a destinação primária dos resíduos, que serão oportunamente remanejados para os aterros sanitários regionais.



Figura 3-2- Estruturas do Canteiro de Obras

4. Projeto de Salvamento Arqueológico e Registro das Áreas de Interesse Cultural (AIC`s)

4.1 - Objetivos da Pesquisa

O Projeto de Salvamento de sítios arqueológicos localizados na área de implantação do Canteiro de Obras – UHE Itaocara I, tem por objetivo principal intensificação das pesquisas arqueológicas e históricas, e produção de conhecimento científico a partir das evidências arqueológicas registradas durante as atividades de campo e laboratório realizadas na etapa de Prospecção Arqueológica. Esse estudo dará subsídios para compreensão do contexto etno-histórico, cultural e arqueológico, em âmbito local e nacional, da área do empreendimento. O Projeto de Registro detalhado das Áreas de Interesse Cultural (AICs), por sua vez tem viés mais historiográfico e sociológico, de período recente e âmbito local, entretanto, a análise da cultura material do cotidiano envolvida pode servir para interpretações de determinados fatores presentes também nos sítios arqueológicos (ver mapa Anexo 01).

4.2 - Conceituação da Pesquisa

O conceito de Patrimônio Cultural compreende uma diversidade de elementos que caracterizam uma determinada sociedade, reunindo aspectos de suas tradições, hábitos e conhecimentos técnicos, que se encontram refletidos na sua cultura material e imaterial (BENTLEY, 1987; BOURDIEU, 1983a; BOAS, 2007; JORGE, 2007). O Patrimônio Arqueológico insere-se no âmbito do Patrimônio Cultural Material.

Este conceito, em geral, se refere a um conjunto complexo que inclui todos os bens materiais e imateriais resultantes da experiência de um povo ou grupo humano num determinado espaço e tempo (JORGE, 2007). Por isso, envolve também a ideia de patrimônio histórico ambiental, uma vez que hoje se concebe o ambiente como um resultado da ação humana, portanto um ambiente culturalmente construído (DIEGUES, 1994).

Quando nos referimos ao patrimônio cultural, aludimos então, a todas as manifestações vivenciais de um determinado povo. As artes (plástica, cênica, música, dança, literatura, dentre outras), as bebidas, a indústria, os negócios, a agricultura, a língua, a ciência, a religião, a história, a pré-história e até o governo, todas elas são incluídas no rol de patrimônio (JORGE, 2007).

Outro aspecto envolvido no estudo sobre o Patrimônio Cultural é a existência de locais no qual a população possui um especial interesse, cujos parâmetros simbólicos devem ser analisados com atenção e resgatadas suas características (UNESCO, 1972). Tais parâmetros utilizados, então, devem considerar os traços reconhecidos nos locais de interesse cultural e serem avaliados, segundo os critérios de conservação dos contextos sócio-cultural e ambiental, atribuindo-se devida relevância aos locais onde estes estejam comprometidos (JORGE, 2007).

Assim sendo, qualquer ação de impacto sobre uma dada região e seu povo ou habitantes, deve planejar e elaborar projetos de valorização para a preservação do patrimônio cultural, uma vez que é pelo valor simbólico socialmente atribuído, ou pela destinação dos bens culturais que lhe são socialmente dados, que os elementos integrantes do patrimônio cultural nacional podem ser preservados para (re)conhecimento das populações atuais e futuras (Resolução CONAMA nº 01/1986; UNESCO, 1972).

Para a verificação das áreas e demais aspectos de interesse relevantes, destinados à proteção do Patrimônio Cultural, faz-se importante o conhecimento e reconhecimento, por parte dos habitantes locais do entorno ao Canteiro de Obras – UHE Itaocara I, do patrimônio local, caracterizado pelos ritos, danças, festejos, áreas de reunião, áreas naturais, cênicas e paisagísticas e as demais classificações de patrimônio.

A execução do Programa de Educação Patrimonial é fundamental para os procedimentos de pesquisa e engrandecimento do conhecimento, tanto das comunidades diretamente atingidas pelo empreendimento, uma vez que expõe as características deste e apresenta-lhes o patrimônio cultural local existente, quanto das pessoas diretamente envolvidas com a execução das obras, já que também lhes apresenta noções de preservação e conservação do patrimônio cultural, integrando-os ao local geográfico do empreendimento e sua respectiva história.

Em relação à proteção do Patrimônio Arqueológico, para a verificação das áreas de interesse arqueológico, faz-se importante também o conhecimento de todos os terrenos/áreas a serem utilizados quando da execução das obras, bem como também a própria área de construção do empreendimento a ser erigido. Essa atividade foi desenvolvida no Projeto de Prospecção Arqueológica, em conformidade com os preceitos da Arqueologia Preventiva.

A partir do Patrimônio Arqueológico identificado e registrado na área do empreendimento (Canteiro de Obras – UHE Itaocara I) novas medidas de proteção de foram previstas, como forma de compensar a possível destruição física dos sítios arqueológicos. Desse modo o IPHAN, solicitou a execução de serviço de salvamento arqueológico nos sítios que seferão impacto em decorrência da instalação do empreendimento. Essa medida visa a produção de conhecimento científico arqueológico e, conseqüentemente, sua incorporação à Memória Nacional.

4.3 - Metodologia do Salvamento Arqueológico

Os sítios arqueológicos identificados e delimitados durante a execução do Projeto de Prospecção do Patrimônio Arqueológico foram abordados de forma intensiva nesta nova etapa dos trabalhos arqueológicos.

As escavações nos sítios arqueológicos listados foram realizadas de maneira minuciosa, sendo feito registro detalhado de suas características, e de seu entorno, assim como a coleta de material cultural estatisticamente significativa, sob a ótica quali-quantitativa, para produção de conhecimento arqueológico da área abordada. A

concatenação dos resultados obtidos em campo e em laboratório objetivam compensar a perda física do sítio arqueológico.

A metodologia empregada nesta fase envolve as etapas a seguir:

1ª Etapa: Consiste no cercamento integral do perímetro dos 3 sítios arqueológicos que integram este Programa, afim de evitar eventuais danos ao patrimônio arqueológico registrado, que se torna alvo de pesquisa intensiva.

2ª Etapa: Elaboração de malha arqueológica para intervenções de subsuperfície.

A malha arqueológica servirá como suporte para abertura de unidades ou trincheiras, escavadas a fim de resgatar de modo integral a camada arqueológica. Esta malha estará inserida em áreas de 9m², que cobrirão integralmente os sítios arqueológicos.

3ª Etapa: Escavação por Decapagem Artificial.

A decapagem artificial consiste na criação de níveis artificiais de escavação, onde o arqueólogo designa horizontes artificiais, a cada 10 ou 20 cm, com o objetivo de: i) entender a dinâmica de sedimentação geológica do sítio; ii) evidenciar a dispersão e arranjo em profundidade dos vestígios arqueológicos; iii) identificar se houve reocupação da área do sítio e quando ocorreu; iv) inferir, por meio da espessura dos pacotes sedimentares contendo material arqueológico, o tempo de ocupação; v) identificar, por meio da textura, granulometria e forma (estruturas sedimentares), os paleoambientes de deposição dos pacotes sedimentares existentes.

A escavação por decapagem artificial deve obedecer aos seguintes procedimentos:

- Aprofundamento da quadrícula – o aprofundamento da quadrícula foi feito de forma manual, com ferramenta adequada, para a evidenciação dos vestígios arqueológicos. Tal sedimento foi retirado da quadrícula por meio de pás plásticas e depositados em local previamente determinado e devidamente identificado (com a mesma identificação da quadrícula a qual foi retirado), para que seja peneirado segundo o nível artificial. Tal procedimento visa a localização de vestígios arqueológicos que porventura não tenha sido evidenciados durante a decapagem.
- Evidenciação de vestígios – quando encontrados, os vestígios arqueológicos devem ser alocados em relação ao zoneamento da quadrícula, à profundidade e à posição em que foi encontrado. Este procedimento visa o entendimento do vestígio arqueológico no contexto da área do sítio e contribui para o entendimento do próprio vestígio no contexto de deposição.

- Registro dos vestígios – todos os vestígios devem ser registrados da seguinte forma: I) registro fotográfico com escala; II) confecção de croqui locacional do vestígio em relação à quadrícula e ao contexto existente nesta.
- Resgate e acondicionamento – todos os vestígios arqueológicos serão resgatados e acondicionados de acordo com sua natureza constituinte, a saber:
 - ✓ Vestígios de origem orgânica (restos vegetais, carvão, ossos): não poderá ter contato com material que contenha carbono, sendo envolto em papel alumínio e acondicionado em caixas plásticas;
 - ✓ Vestígios de origem não-orgânica (cerâmica, faianças, vidro, líticos, ...): será acondicionado em sacos plásticos, e em seguida acondicionado em caixas plásticas;

Obs.: 1) todo material coletado será identificado com etiqueta de localização da zona da quadrícula e profundidade em que foi encontrado;

2) todo material coletado será acondicionado em caixas de acordo com o quadriculamento da área de abrangência do sítio arqueológico.

4ª Etapa: Levantamento Estratigráfico dos Sítios.

O Levantamento Estratigráfico das áreas onde serão feitas as intervenções arqueológicas, será realizado objetivando o entendimento deposicional dos vestígios arqueológicos em profundidade, relacionando-os à dinâmica ambiental da região.

5ª Etapa: Levantamento Topográfico dos Sítios.

O Levantamento Topográfico das áreas onde serão feitas as intervenções arqueológicas, visando o salvamento dos sítios, será realizado por profissional habilitado em topografia. O objetivo desse serviço é localizar espacialmente, o polígono dos sítios arqueológicos em relação à topografia do terreno.

6ª Etapa: Levantamento Arquitetônico.

Será realizado Levantamento Arquitetônico de todos os remanescentes estruturais de edificações evidenciados durante a etapa de Prospecção Arqueológica, e que estão inseridos nos perímetros dos sítios registrados, assim como as que porventura possam ser evidenciadas durante a etapa de escavação intensiva. Este serviço será realizado por profissional de arquitetura habilitado.

7ª Etapa: Curadoria e Acondicionamento.

As atividades de Curadoria consistem na higienização, catalogação e análise laboratorial do material arqueológico coletado durante as escavações.

Suas ações deverão seguir os seguintes procedimentos:

- Higienização do material coletado – todo material, com exceção do material de origem orgânica (restos vegetais, carvão, ossos), deverá ser lavado em água corrente, com uso de escova dental macia para melhor identificação dos atributos técnico-funcionais dos artefatos.
- Análise e catalogação – todo material coletado será analisado e catalogado por profissional especialista em curadoria, segundo sua natureza e área de procedência. A análise desses vestígios tem o objetivo de produzir informações que possibilitem a interpretação da dinâmica social desse espaço e a correlação entre os sítios.
- Acondicionamento – todo material será acondicionado em caixas plásticas Marfinite, no padrão exigido pelo IPHAN, protegidos por ethapon. A arrumação das peças nas caixas deverá obedecer à ordem de quadriculamento da área de abrangência do sítio arqueológico.

8ª Etapa: Elaboração de Relatório Final.

Os resultados das pesquisas de Salvamento Arqueológico serão descritos em relatório específico onde deverão ser discriminados a metodologia utilizada, as atividades de campo e os levantamentos bibliográficos complementares para a definição dos elementos culturais identificados.

4.4 - Metodologia de Registro Áreas de Interesse Cultural (AICs)

Este Projeto consiste na realização das seguintes etapas de trabalho:

1ª Etapa: Levantamento de bibliografia especializada sobre a história local da região do início do século XX até os dias atuais e de pesquisas socioeconômicas sobre a Mesoregião do Noroeste Fluminense;

2ª Etapa: Realização de entrevistas com moradores do município de Aperibé, com foco nos hábitos recentes e as permanências de hábitos antigos típicos da região;

3ª Etapa: Levantamento de campo em busca de maiores dados da cultura material encontrada em cada um dos diferentes espaços considerados AIC, observações sobre a paisagem destas áreas e levantamentos arquitetônicos de edificações presentes nelas (atividade não-interventiva e sem a coleta de exemplares);

4ª Etapa: Cruzamento de dados e informações e realização de um relatório com reflexões conceituais no campo dos estudos da cultura material e da história local;

5. Contextualização Arqueológica

Do ponto de vista arqueológico, a partir de uma perspectiva macro regional, a área estudada possui poucas evidências materiais que caracterizem o registro de sítio arqueológico, mesmo sendo reconhecidamente uma área de altíssimo potencial arqueológico.

Dentre os vestígios já estudados até o momento, têm-se como resultados mais consistentes os provenientes das pesquisas desenvolvidas nas décadas de 60 e 70 pelos pesquisadores do Instituto de Arqueologia Brasileira, IAB¹, que revelaram vários sítios, na maioria abrigos-sob-rocha, associados à ocupação de uma Tradição cultural² anterior ao período de expansão Tupiguarani no Estado do Rio de Janeiro: a Tradição Una.

A ocorrência de sítios desta tradição se correlaciona, em termos gerais, com os dados disponíveis na literatura colonial, que descrevem esta área como um território dos índios Puri e Coroados.

No decorrer destas pesquisas, a equipe do IAB também localizou sítios atribuídos a Tradição Tupiguarani, sendo representados pelas fases Ipuca e Itaocara, a primeira reunindo traços associados pelos pesquisadores dos tipos cerâmicos da fase Mucuri, Tradição Una:

No médio curso do Paraíba, a montante da área Mucuri, está situada a fase Itaocara, com ocupação que se estende até o início do alto curso daquele rio. Ainda no médio curso e se alongando em direção à foz do rio, atingindo ainda boa porção do seu afluente Muriaé, estabeleceu-se, mais recentemente, a fase Ipuca, com contatos marcantes com a fase Mucuri. É interessante notarmos que se não podemos observar traços deste contato na fase Itaocara, eles se materializam na morfologia cerâmica da fase Ipuca, demonstrando a existência de um processo de aculturação, que muito provavelmente foi prolongado, entre grupos pertencentes a Tradições culturais ceramistas diferenciadas (DIAS JÚNIOR & CARVALHO, 1980:57).

¹DIAS JÚNIOR e CARVALHO, 1980.

²Grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal (PRONAPA, 76). Uma sequência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo um dos outros, e formam uma continuidade cronológica. MENDONÇA DE SOUZA, 1997: 124.

Em período mais recente, as pesquisas realizadas pela equipe do MAEA-UFJF, a partir do ano 2000, revelaram diversos sítios da região da Zona da Mata Mineira, na sua maioria filiados as ocupações Tupiguarani³.

A partir da execução de levantamentos sistemáticos de campo, associados à utilização de técnicas analíticas mais rebuscadas, convergiu para obtenção de um extenso e sólido conjunto de evidências materiais, seguido pela caracterização e registro de sítios arqueológicos.

No ano de 2005, as pesquisas arqueológicas realizadas na área de implantação da PCH Santa Fé⁴ resultaram no registro do sítio arqueológico Vicentinho, cujas características se relacionavam com as das pesquisas precedentes. A referida correlação se deu a partir da intensificação dos estudos com escavações mais amplas.

Tanto no sítio arqueológico Vicentinho, como na área pesquisada na Zona da Mata Mineira, os sítios Tupiguarani registrados estavam localizados em um mesmo compartimento topográfica e próximos a grandes cursos d'água navegáveis, como os rios Paraíba do Sul, Paraibuna, Novo, Peixe, Pomba, Muriaé, entre outros. Essa situação geográfica demonstra certa regularidade na forma de ocupação dos sítios Tupiguarani, situação que se repete com os materiais coletados, que também guardam similaridades entre si.

As características principais do conjunto de sítios é a decoração dos vasilhames, com maior incidência de decoração plástica (corrugado, ungulado, estocado, estriado, acanalado, entre outros; Fig. 3.2.1) em relação a pintada, em geral nas cores vermelha e branca (Fig. 3.2.2). A presença de materiais líticos lascados e polidos também é registrada. Peças como os calibradores são comuns tendo como matéria-prima o quartzito e também a cerâmica. Dos materiais diferenciados que podem ser citados, há o registro de uma peça em cerâmica com uma forma similar a cabeça de um animal e uma conta de vidro, associada ao período colonial (sítio Emílio Barão).

³ OLIVEIRA, A. P. de P. L. de, 2006; 2004; 2003; OLIVEIRA, J.C. I. de, 2007.

⁴ ZARONI, 2005.

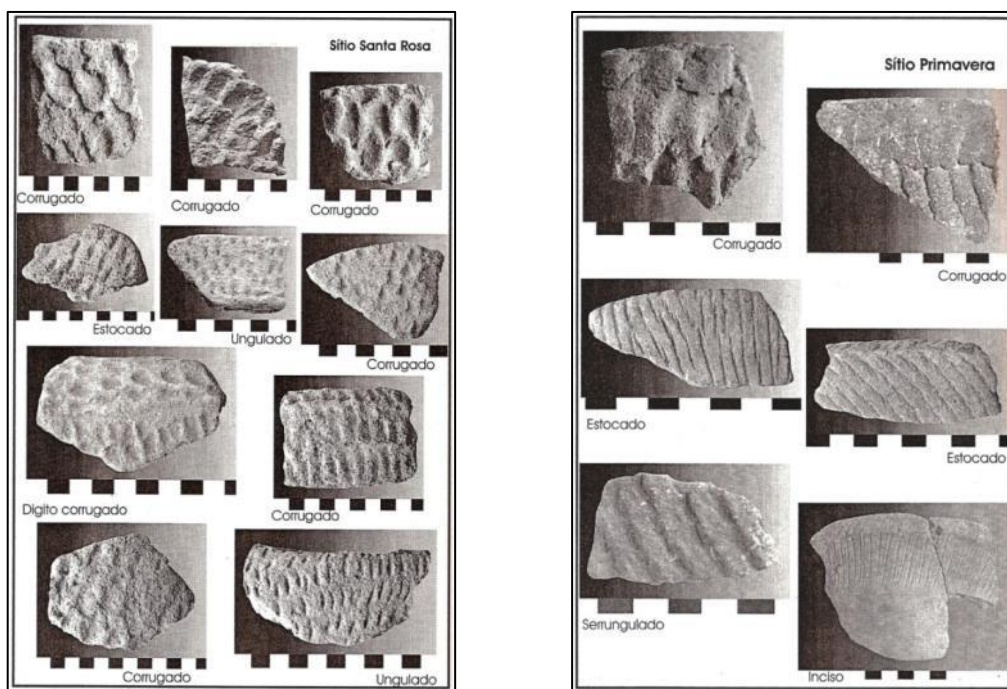


Figura 3.2.1 – Tipos de decoração plástica encontrada nos sítios da Zona da Mata Mineira: sítios Santa Rosa e Primavera. Fonte: OLIVEIRA, 2006: 152 e 154, respectivamente.

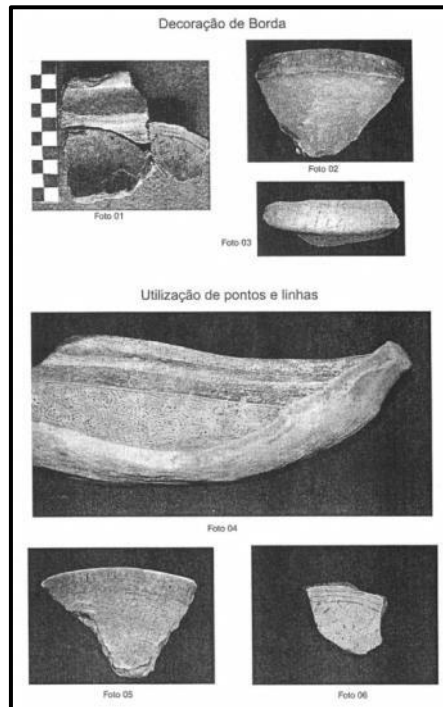


Figura 3.2.2 – Tipos de decoração pintada encontrada nos sítios da Zona da Mata Mineira. Fonte: OLIVEIRA, 2006: 166.

Nas informações documentais sobre a ocupação indígena no interior fluminense, os relatos indicam uma predominância de falantes Jê que contrasta com o domínio litorâneo de grupos Tupi-guarani.

Segundo FREIRE e MALHEIROS, as áreas entre as Serra do Mar e Mantiqueira seriam prováveis locais de ocupação de índios de matriz Puri e Coroados, Botocudos e Maxacali (vinculadas ao tronco Macro-Jê⁵), dividida em diversas variações linguísticas.

Destacando-se as relacionadas a área de pesquisa, associadas aos Puris e Coroados, compreende-se os grupos Telikong ou Paqui, que teriam ocupado os vales do Itabapoana e Médio Paraíba e também as serras da Mantiqueira e das Frecheiras, entre os rios Pomba e Muriaé; os Coroados, situados em regiões da Serra do Mar e nos vales dos rios Paraíba, Pomba e Preto, subdivididos em vários grupos entre os quais, Maritong, Cobanipaque, Tamprum e Sasaricon; os Coropó, com relatos de sua presença no rio Pomba e na margem sul do Alto Paraíba; os Bocayú, nos rios Preto e Pomba; e os Sacaru e Paraíba, no Médio Paraíba.⁶

Além dos sítios arqueológicos relacionados ao período pré-colonial, e de contato, os demais sítios arqueológicos registrados na área de pesquisa estão relacionados as mudanças produzidas em decorrência da invasão europeia, seja, na ordem política, economia e ambiental. Como registro arqueológico temos a presença de unidades rurais com finalidade domésticas ou produtivas, com presença de material cultural importado, sobretudo de origem inglesa, e objetos produzidos no Brasil.

6. Contextualização Etno-Histórica e Histórica

Em meados do século XVIII, o vale do rio Paraíba localizado na capitania do Rio de Janeiro era considerado pelos portugueses como um “sertão de índios brabos”¹ devido a pouca presença colonial e a grande diversidade de povos indígenas que ali habitavam dentre eles os índios Botocudos, Coropós, Puris, e Coroados. Estes últimos compartilhavam da ramificação oriental do tronco linguístico macro jê e habitavam a região nortenoeste fluminense nas margens direita e meridional do Rio Paraíba do Sul. A partir do século XIX tornaram-se mais conhecidos e amplamente retratados por incursões de estrangeiros naturalistas como Spix e Martius,

⁵RODRIGUES, 1986.

⁶ FREIRE & MALHEIROS, 2010.

Debret e Freyreys e posteriormente por Ploetz, Métraux e Loukotka, já no século XX. Onde estes detalhavam os hábitos alimentares, práticas culturais, características físicas dos aldeados e aspectos da fauna e flora local.

Essas áreas, extremamente hostis do ponto de vista das lideranças de colonizadores portugueses, representavam uma barreira para a ocupação e também se inseria entre os territórios proibidos estabelecidos pela Coroa Portuguesa, conforme indicado por Erthal, citado por MALHEIROS:

Segundo Erthal, a região fluminense denominada ‘Certão dos Índios brabos’ encontrava-se entre as chamadas áreas proibidas pelas cartas régias que objetivavam coibir o contrabando aurífero. Apenas em 1763 - no contexto do declínio da mineração em Minas Gerais – foi emitida a primeira permissão oficial para a entrada nesta região, também conhecida como ‘Sertões do Macacu’. (2008:31)

A manutenção do isolamento desta região era favorável a Coroa Portuguesa, pois, no auge da exploração aurífera em Minas Gerais, esta situação propiciava uma segurança de que o acesso as Minas se daria pelos caminhos oficiais, que eram fiscalizados.

A abertura do principal desses caminhos, o Caminho Novo⁷, foi favorecida pelo avanço na exploração das riquezas descobertas em Minas Gerais, que se daria nos primeiros anos do século XVIII. Sob responsabilidade de Garcia Rodrigues Paes Leme, filho de bandeirantes, a abertura desta estrada favoreceu a interiorização dos colonizadores e serviria para ligar o Rio de Janeiro a Minas Gerais por um caminho mais curto e controlado, viabilizando a circulação comercial e o escoamento de ouro e diamante para o porto do Rio de Janeiro, de onde seguiria para o Reino Português. A abertura deste caminho marcou o início do processo de ocupação colonial e descaracterização das ocupações indígenas, fruto da estratégia polivalente da Coroa Portuguesa, que incluía o desenvolvimento da produção de recursos primários, o extrativismo mineral, a povoação do território, a criação de uma “válvula de escape” para a Inquisição (local de apenamento e emigração de pagãos), a expansão da fé católica e o enquadramento dos nativos (pela escravização, catequização ou ataque), entre outras medidas de domínio da colônia.

⁷ Inicialmente o caminho do ouro extraído nas Minas Gerais era escoado por Parati, mas por ser muito longo este logo se tornou insatisfatório e, em 1725, foi concluído o Caminho Novo de Garcia Rodrigues Paes. O caminho por Parati seria então conhecido como Caminho Velho.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 6-1 Recorte da Carta topográfica do Rio de Janeiro com indicação do “Certão ocupado por Índios brabos”. A área a esquerda desta citação, mais densamente ocupada, corresponde ao traçado do Caminho Novo. Autor: Manoel Vieira Leão, 1767.



Imagem 6-2 Dança dos Purys (Danse des Purys) - Rugendas, Johann Moritz, 1802-1858

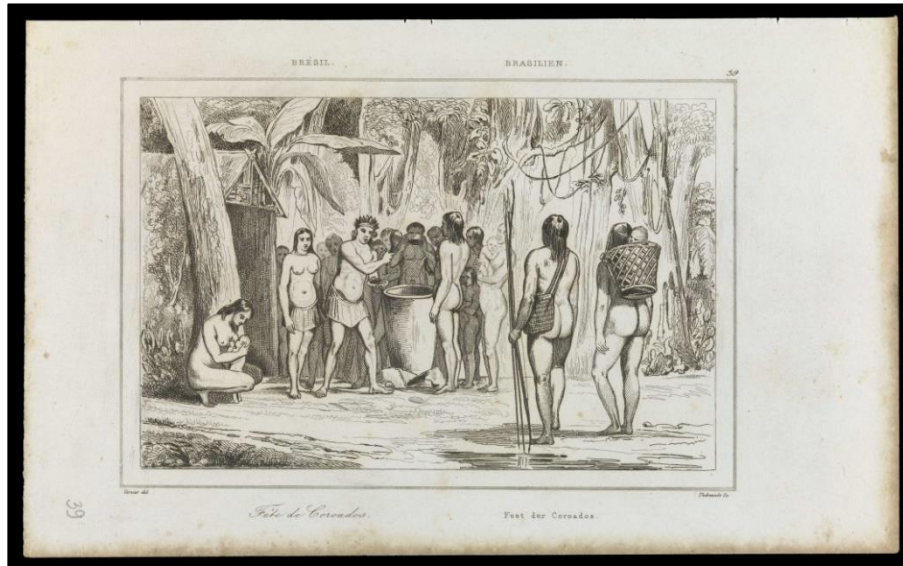


Imagem 6-3 Festa dos Coroados (Fête de Coroados) Denis, Ferdinand, 1798-1890

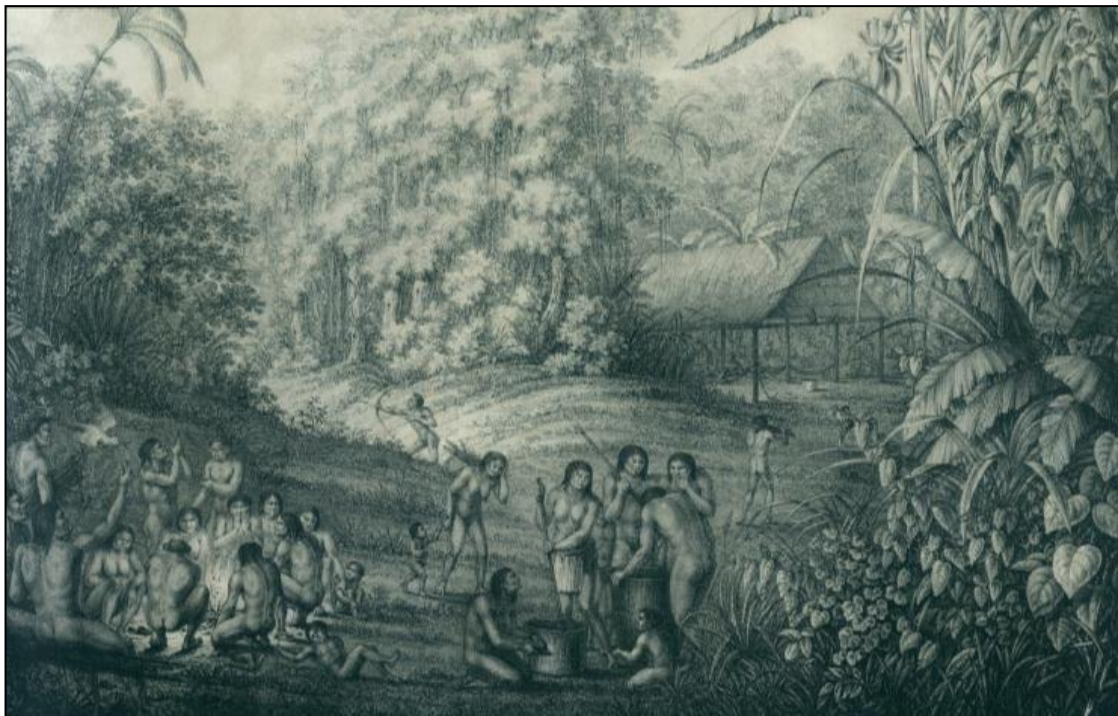


Imagem 6-4 Aldeia de um grupo Coroado. Autor: Jos Paringer. Data: 1823-31. Fonte:
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1250074/icon1250074_12.jpg

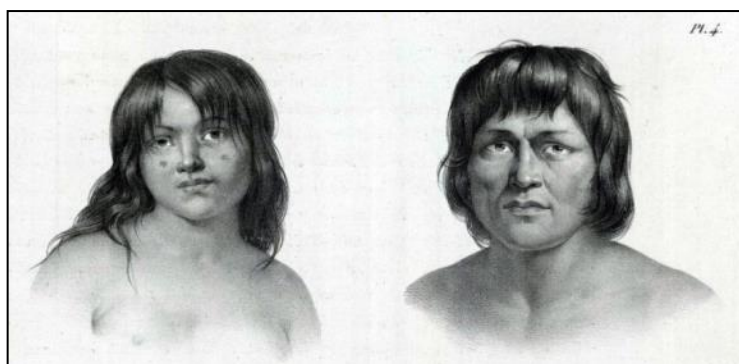


Imagem 6-5 Ilustrações de grupos indígenas: Coroado, Botocudo (Autor Phillipp Schmid. Data: 1823-31. Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1250074/icon1250074_11.jpg) e Puri (Ilustrações do livro de Johan Moritz Rugendas. Data: 1835. Fonte: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994_item1/P123.html).

Na região estudada, as duas tradições dominantes são a Una, Fase⁸ Mucuri, e a Tupiguarani, Fase Itaocara.⁹

O contato entre estas duas tradições culturais teria influenciado na caracterização dos índios Coroado, segundo alguns autores:

É provável que tenha existido pontos de contato nas serras mineira e fluminense entre as duas tradições, a Una e a Tupiguarani, e que tenham se materializado em épocas mais recentes junto aos Coroado. Esta constatação levou os mencionados autores a acreditarem que os Coroado, identificados historicamente com os Puri,

⁸ “Qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios (PRONAPA, 76)”. MENDONÇA DE SOUZA, 1997:55.

⁹DIAS JÚNIOR e CARVALHO, 1980.

tenham relações estreitas com a fase arqueológica Ipuca, da Tradição Tupiguarani, mesmo que apresentando traços provenientes da Tradição Una, local.¹⁰

Essa aproximação cultural também é apontada por FREIRE & MALHEIROS:

No entanto, os Coroados eram, dos três¹¹, os que mais se ocupavam de tarefas agrícolas, dominavam técnicas mais elaboradas de cozinha, e eram considerados bons oleiros e ceramistas. Fabricavam potes, cântaros, jarros, gamelas, alguidares, utensílios como peneiras de vime, cestas de palhas de várias formas e tamanhos, semelhantes às fabricadas pelos Tupi e cuias.¹²

Em um contexto econômico e político de mudança, onde a mineração na capitania de Minas Gerais entra em decadência, surge uma expansão de canaviais e engenhos pelos “sertões” e paralelamente, uma nova política indigenista chamada “Diretório dos índios”¹³ (1755) é articulada por Marquês de Pombal como forma de regular a vida dos aldeados. As aldeias até então, deveriam ganhar estatuto de vilas ou povoados, a língua portuguesa deveria ser amplamente utilizada e caberia aos missionários católicos retirar os indígenas da mencionada por ele, “barbárie”. Criando assim um artifício legal para incorporar os índios ao regimento do poder colonial e adentrar o “certão pouco conhecido montuoso, e emboscado e ocupado por varias Nações de Índios Salvagens”(Figura 3) como se refere Francisco João Roscio à região do Vale do Paraíba.

¹⁰ OLIVEIRA, 2003.

¹¹ Puri, Coroados e Coropó.

¹² FREIRE & MALHEIROS, 2010.



Imagem 6-6 “Carta Corographica da Capitania do Ryo de Janeyro, capitania dos estados do Brasil”. Roscio, Francisco João. Carta Corographica da Capitania do Ryo de Janeyro, capitania dos estados do Brasil, 1777.

Na região do vale do Paraíba se estabeleceram as últimas aldeias do período colonial. Ao norte, próximo a fronteira das capitanias de Minas Gerais e Espírito Santo, foram criadas as aldeias de São Fidélis (1781), São José de Leonissa da Aldeia da Pedra (1808) e Santo Antônio de Pádua (1833).

Segundo M. de Toledo Piza⁷ em seu livro “Itaocara, uma aldeia de índios”, a história da fundação da Aldeia da Pedra e de São Fidélis são indissociáveis, pois as terras que futuramente viriam a ser escolhidas para a fundação da aldeia estavam na região que compreendia São Fidélis e o problema que se deparariam os capuchinhos italianos, Frei Ângelo Maria de Luca e Frei Vitória de Cambiasca, e que marcaria a necessidade de uma nova aldeia também, citando Piza:

Fundada a aldeia de São Fidélis, iniciada a construção de seu majestoso templo, viram-se os capuchinhos, em seguida, a braços com um problema. É que os Coroados e os Puris não se entendiam bem. Eram vizinhos que se desestimavam. Andavam separados por ódios profundos e já haviam estado em guerras, em correrias pelas selvas que margeavam no Paraíba, num espetáculo triste para os

capuchinhos, cujo sonho, era vê-los trazidos a civilização, formando, ao lado dos brancos uma única família. Mas não era possível reunir aquelas duas nações numa só aldeia. Em São Fidélis, ficaram os Coroados. Forçoso, agora, era aldear os Puris. (Piza, página 17)

Com o apoio dos vice-reis D. Luiz de Vasconcelos e Souza e Conde de Rezende, Frei Ângelo Maria de Luca encaminharia a proposta em 1792 ao sargento-mór José Tomáz com a localização das terras onde surgiria a aldeia tendo sua proposta e todas as demais negadas. A nova aldeia não surgiria pelas mãos dos fundadores de São Fidélis, porém as tentativas foram importantes para firmar como estratégica a criação de uma nova aldeia no plano de catequização e “civilização” dos Puris.

Em 1804, Frei Tomaz da Cidade de Castelo após várias incursões em agrupamentos indígenas teve contato com o cacique daqueles indígenas que viera a São Fidélis. Após trocar de presentes, convívio e etc. o Frei adentrou a mata visitando diversas pequenas aldeias de índios batizados e não batizados e por assim, notar que o convívio deste em São Fidélis era inviável devido a distância de seus parentes e roças. Ali mesmo, do outro lado a margem do rio Paraíba, Frei Tomaz indagou aos índios se queriam que ergue-se um igreja e tendo resposta afirmativa rezou uma missa, segundo o Livro de Tombo da Aldeia da Pedra, rezou uma missa e batizou o cacique por José da Silva.

O dito capitão, que morava neste lugar, o batizei logo e lhe pus o nome de José da Silva, e me mostrou muito agrado e deu-me licença para principiar a roçar, que eu fui o primeiro que principiei, com minha foice, no lugar onde hoje está a Igreja, no rigor do sol tão forte, que no dia seguinte já não pude acabar o dia. Depois, queimei o lugar para levantar a casa e morar e logo plantei feijão à roda da dita casa e também plantei mandioca, para enquanto eu fosse ao Rio de Janeiro, para ser despachado do vice-rei que então era o Sr. Fernando de Portugal, na volta achasse algo para comer.” (Piza, página 31).

O pedido feito em 1804 também fora negado, porém quando D. Marcos de Noronha assumiu o vice-reinado em 1806, Frei Tomaz encaminhou novamente o pedido de criação da nova aldeia tem sido acatado e agraciado com duas léguas de terras e ornamentos para a Igreja de São José de Leonissa. A aldeia por sua vez, recebeu o nome de São José de D. Marcos. Nome este que não durou muito, os naturais chamavam de “Aldeia da Pedra” devido ao penhasco que ficava na margem oposta do rio Paraíba. O Príncipe Maximiliano que percorreu as aldeias de São Fidélis e a Aldeia da Pedra em 1817⁸ ressalta sua impressão sobre os Coropós, Coroados e Puris ali aldeados:

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

Achamos esse povo ainda bastante puro, de tez moreno-escura, fisionomia rigorosamente nacional, compleição robusta e cabelos negros como carvão. As moradas são boas e espaçosas [...] armam nelas redes de dormir, e encostam num canto da parede, arco e a flexa [...]. Todos falam português, mas geralmente empregam entre si a língua nacional. As línguas dos Coroados e Coropós são em extremo parecidos e ambos, na sua maior parte, compreendem os Puris.” (Sussekind. Página 104)

Apesar das tentativas, os missionários encontraram dificuldades na submissão dos puris, se aldearam anos depois em Santo Antônio de Pádua. Na Aldeia da Pedra, passaram a viver em sua maioria os Coroados e os Coropós. Em 1814 houve um levante liderado por um coropó contra a ocupação de “portugueses” na aldeia, porém em 1818, frei Tomás de Castello passou a distribuir terras da aldeia para considerados “benfeitores” e “morigerados”, para pudessem cultivar e etc. Conseqüentemente a presença de não índios na aldeia foi aumentando, o que levou ao aumento de conflitos por terras. Moradores das vizinhanças e fazendeiros invadiam as terras indígenas, apesar da determinação de 1826 para que elas fossem medidas e demarcadas e dos ofícios e petições que, ao longo da década de 1840, reivindicavam a regularização do seu traçado. Diante do processo de invasão das terras e dos contatos entre índios e não índios, autoridades locais afirmavam, em 1878, que a aldeia da Pedra não mais existia, embora fosse possível perceber a presença indígena na região como mão de obra nas fazendas vizinhas. Naquela área foi criado o município de Itaocara em 1890.



Imagem 6-7 Mapa da Aldeia da Pedra⁹ de 1837 PIZA, M de Toledo. Itaocara, antiga aldeia de índios. Niterói: Diário Oficial, 1946.



Imagem 6-8 Monumento aos freis capuchinhos italianos, localizado na praça Central de Itaocara.

A capitania do Rio de Janeiro foi amplamente influenciada pela mineração na capitania das Minas Gerais seja em sua época áurea ou por seu declínio. No mapa de 1839, essa influência se dá através das estradas e caminhos que interligavam a região de Minas Gerais a de Cantagalo, através de Itaocara, com as estradas que permitiam o acesso a Campos, São Fidélis, Aldeia da Pedra e Cantagalo (figura 6-9). Regiões estas estratégicas, pois que eram os principais núcleos coloniais, sendo também importantes vias de entrada de colonos da região de Minas Gerais após o declínio da exploração aurífera. O novo produto que despontava no mercado nacional e internacional era o café.

Por outro lado, a produção de café na região desenvolvia-se com um baixo nível tecnológico e quando os solos se desgastavam, novas matas eram derrubadas para se manter a produção. Sem investir na manutenção dos solos e priorizando o café, os fazendeiros acabaram por deixar de lado a produção de alimentos, dificultando a manutenção da própria população que atuava na economia cafeeira.

Na descrição do sistema utilizado no plantio do café, VASCONCELOS, revela uma situação que se estendia pelas margens do rio Paraíba e de seus afluentes, como o rio Pomba:

“A ocupação das terras do vale do Paraíba e das regiões adjacentes pelo café não atendeu a nenhum tipo de planejamento, de forma que a floresta foi abatida sem que

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

se tomasse em conta a necessidade de áreas preservadas, inclusive para manutenção das próprias condições climáticas necessárias ao cultivo do café. O que se deu foi um desflorestamento a esmo, transformando a região em um imenso tabuleiro de xadrez onde as faixas descontínuas, ora tomadas pela mata, ora pelos cafezais, estendiam-se lado a lado. O próprio manejo do café na região não atendeu a condições mínimas para uma maior produtividade. De forma que o café, de todo modo, estava destinado a uma existência curta no vale do rio Pomba.” (2005:40)

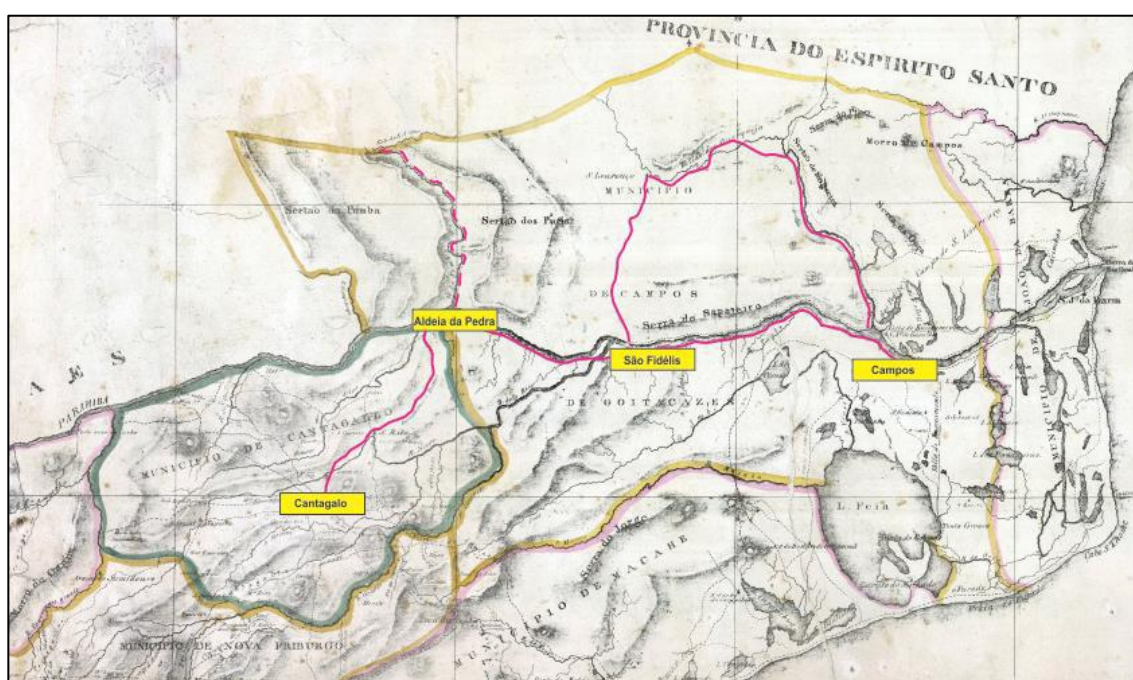


Imagem 6-9 Carta corográfica da província do Rio de Janeiro, 1839.¹⁰

O declínio das fazendas tem relação direta com a perda da mão-de-obra escrava, mas este fator não seria o único e nem preponderante, segundo alguns autores. Retomando a afirmação anterior, sobre o baixo desenvolvimento tecnológico aplicado no sistema cafeeiro, as terras utilizadas para este fim em pouco tempo se encontravam exauridas, associando-se o volume da produção a forma extensiva com que era praticado o plantio. Por outro lado, ainda que nas primeiras décadas do século XX, a produção ainda se mantivesse satisfatória, a crise de 1929 proporcionaria um duro golpe na economia cafeeira.

Na produção agrícola da região, no entanto, o café, ainda que fosse o principal produto de comercialização, compartilhava esta importância com outros bens agrícolas, conforme descrição do início do século XX para o município de Itaocara:

(...) em 1909 uma produção municipal de 80.000 arrôbas de café beneficiado, além de 40 000 sacos de milho, 15 000 de arroz e 4 000 de feijão. Nessa mesma época, o seu engenho central de Laranjeiras produz 10 000 sacos de açúcar e 60 000 quilos de goiabada. (LAMEGO, 2007:277)

Em Santo Antônio de Pádua, no ano de 1910 se “produzia 265.200 arrobas de café, 150.000 sacos de milho, 15.133 de arroz e 8.000 de feijão.” (LAMEGO, 2007:280)

O milho, como se vê pelos dados, alcançava expressiva produção na região estudada, inserido no cardápio das famílias e no cotidiano das fazendas, onde era comum haver um moinho no início do século XX.

Ainda segundo LAMEGO¹³, a modificação nas fazendas ocorreria na dimensão das propriedades, que passariam por um processo de desmembramento:

Como em toda a região serrana fluminense, particularmente nas zonas de extremo leste, após o declínio das fazendas do Império, a subdivisão da terra é também ali um dos fenômenos sociais preponderantes. Dasquelas propriedades, 432 abrangem uma área inferior a 41 hectares e, das restantes, 307 não vão além de 100 hectares.” (LAMEGO, 2007:277)

As fazendas que resistiram a crise foram as que mudaram de atividade e começaram a investir na diversificação econômica, passando a atuar principalmente com a produção de gêneros alimentícios (agropecuária extensiva, grãos e frutas). Ademais, o capital privado, que antes era utilizado para o café e o comércio de escravos, foi deslocado para os investimentos urbano-industriais.

Assim, além da produção de milho, o açúcar manteria seu espaço, favorecido pela existência de um Engenho Central Laranjeiras em Itaocara, que produzia açúcar e álcool.

A malha ferroviária facilitava o escoamento da produção, sendo facilitado o transporte pela integração com os ramais ferroviários de Campos e Macaé, integrados na ferrovia Leopoldina Railway, a qual, a partir de 1898 seria autorizada a funcionar no Brasil. Em um mapa de 1947 desta ferrovia, os pontos principais da área de estudo são sinalizados.

¹³ Op.cit.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

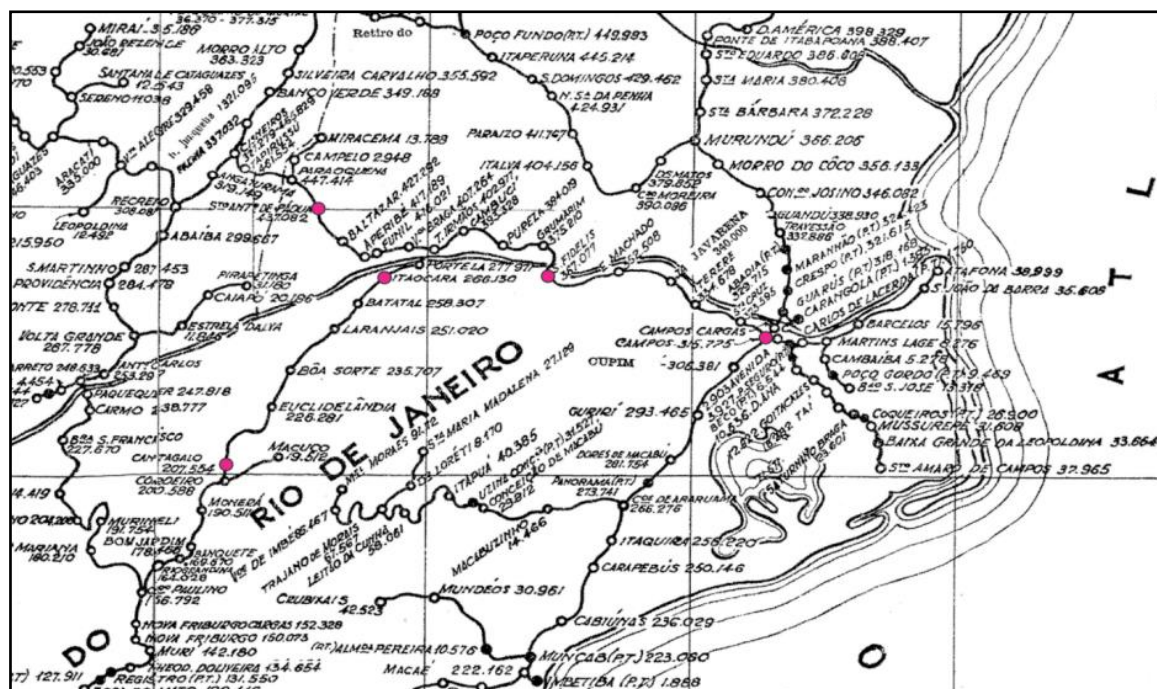


Imagem 6- 10 Traçados da ferrovia Leopoldina Railway na área de estudo (ano de 1947). Os pontos em rosa indicam as estações de referência: Campos, Cantagalo, Itaocara, São Fidélis e Santo Antônio de Pádua.¹⁴

Na década de 1950, com muitos ramais deficitários, a Companhia seria encampada pelo Governo Federal, passando a se denominar a ferrovia de E.F. Leopoldina e depois integrada na Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA). Na década de 60 seriam desativados diversos ramais, inclusive o de Cantagalo (que passa por Itaocara). Nos anos 90, a ferrovia é desestatizada e o ramal existente da Malha Centro-Leste da RFFSA, que passa por Aperibé e Santo Antônio de Pádua, é incorporado na rede da Ferrovia Centro-Atlântica, servindo para o transporte de cargas.

Nesse período, a região noroeste fluminense encontrava-se em situação econômica crítica, com índices de decréscimo populacional. A pecuária leiteira seria a atividade dominante, aliado ao plantio de leguminosas.

Um exemplo dessa situação é descrita para Santo Antônio de Pádua:

A partir dos anos de 1940, a população de Santo Antônio de Pádua dá início a um fluxo migratório crescente para a região metropolitana do Rio de Janeiro, de forma

¹⁴ RODRIGUEZ, 2004:66.

que a população entre as décadas de 1950 e 1970 apresenta índice negativo de crescimento populacional. Esse período é coincidente ao de substituição da cafeicultura pela pecuária e ao início da pequena atividade industrial do município. (VASCONCELOS, 2005:43)

Novos arranjos no uso da terra se dariam, como o registrado no final da década de 1970 pela mesma autora:

Os designados por ‘camaradas’, normalmente, trabalhavam para um só patrão. No plantio ‘de meia’, o dono entrava apenas com a terra e toda a força de trabalho e insumos vinham do trabalhador. Já no plantio ‘de terça’, o dono entrava com terra, insumos e maquinaria, ficando ao final com dois terços do resultado da colheita. Já o agregado, que tradicionalmente ocupava a terra sem efetuar pagamento em espécie ou produção e mantinha uma relação de compadrio, colocando-se ‘a serviço’ do dono da terra, passou, nesse período, a estabelecer uma condição de locatário das terras que cultivava.

Residindo em grande maioria em casas de pau-a-pique, o padrão de organização familiar encontrado era patriarcal. Os filhos moravam com os pais, que para estes trabalhavam até se casarem. A escola, via de regra, era deixada para trás em função das atividades da lavoura e das demandas da casa. (VASCONCELOS, 2005:59)

Essa configuração socioeconômica, marca a caracterização da área de estudo atualmente, de rarefeita ocupação e do parcelamento das propriedades segundo os desmembramentos das famílias.

Da mesma forma que a história de Itaocara é indissociável de São Fidélis, a história de Santo Antônio de Pádua é fundamental para entender a criação do município de Aperibé. A aldeia de Santo Antônio de Pádua foi criada em 1833 na margem meridional do Paraíba, banhada pelo Rio Pomba e sua capela foi erguida pelo padre Antônio Martins Vieira, em uma região com forte presença de índios puris. A aldeia foi elevada à categoria de freguesia em 1846 e em município em 1882.

A História de Aperibé para ser contada deve ser iniciada ainda ao século XIX, quando ainda era apenas uma região de propriedades rurais, longe do centro da cidade de Santo Antônio de Pádua. Os primeiros habitantes, índios Puris diminuía significativamente enquanto os agricultores que impulsionados pelo ciclo do café aumentavam e estabeleciam na localidade de Pito Aceso.

A produção das lavouras de Santo Antônio de Pádua e região cresciam paralelamente com a densidade de sua população, não sendo mais suficiente o carro de bois e a tropa de burros para transportar os produtos até o empório comercial em São Fidélis.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

Em 1876, iniciaram-se os estudos do traçado da ferrovia, sob a responsabilidade do engenheiro Dr. Vieira Braga. A extensão da linha férrea era 15 léguas e 469 metros, ou seja, 92 km e 469 m, com a bitola de 1 metro, tendo no seu início na estação de Luca à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul em São Fidélis. Inaugurada em 10 de Agosto de 1883, a estação denominada Chave do Faria, onde havia uma chave para desvio dos trens, muitos foram atraídos para a Nova Vila, que se formou um local de comércio impulsionado pelas facilidades trazidas pela ferrovia. A iniciativa política de prestar justa homenagem aos verdadeiros donos das terras, fez com que em 02 de julho de 1890, o então governador Francisco Portela acolhesse a pedido: Elevando a distrito policial o povoado, que mais tarde passou a ser denominado Aperibé.

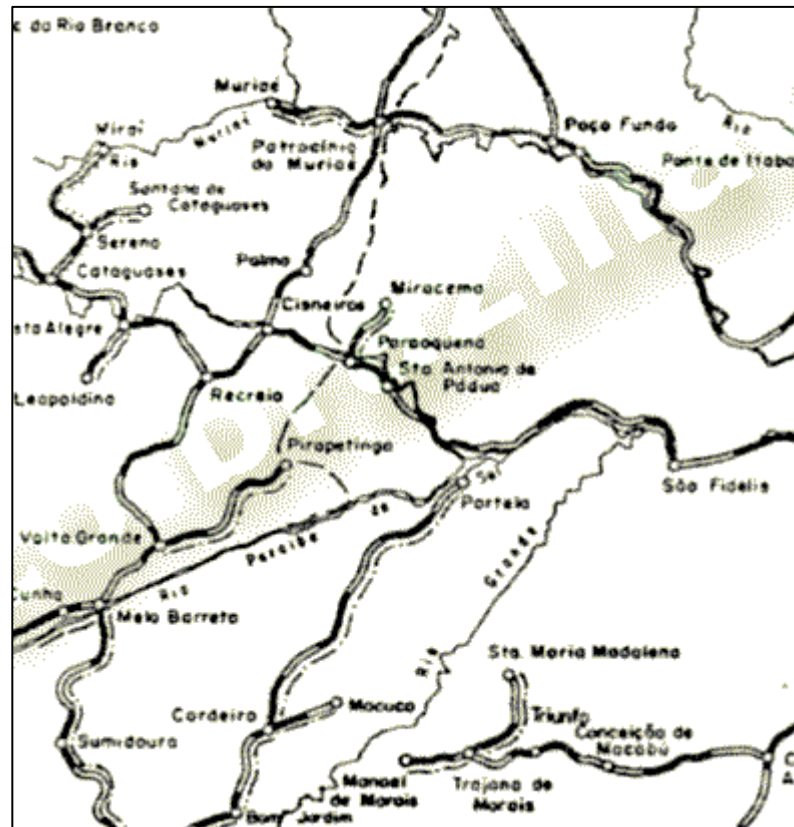


Imagem 6-11 Adaptado das “linhas da Leopoldina Railway”, 1965.¹¹



Imagem 6-12 Antiga estação ferroviária de Chave do Faria, atual Aperibé abriga uma casa de cultura.

A primeira família numerosa a se estabelecer na região foi a família Boechat, vinda da região de Miécourt no Cantão da Jura, Suíça. Inicialmente na região de Nova Friburgo e posteriormente, se instalando e fazendo negócios em Aperibé. Carlos Eduardo Boechat nascido em 06/04/1865 é um dos membros mais proeminentes e com uma farta documentação, preservada pela Casa de Cultura de Aperibé, sobre as diversas transações que realizava em suas fazendas dentre elas a Santo Antônio, primeira da região. Após o seu falecimento, sua viúva, Maria Reis assume seus deveres e atua intensamente no progresso da cidade, construindo a primeira igreja Batista da cidade.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

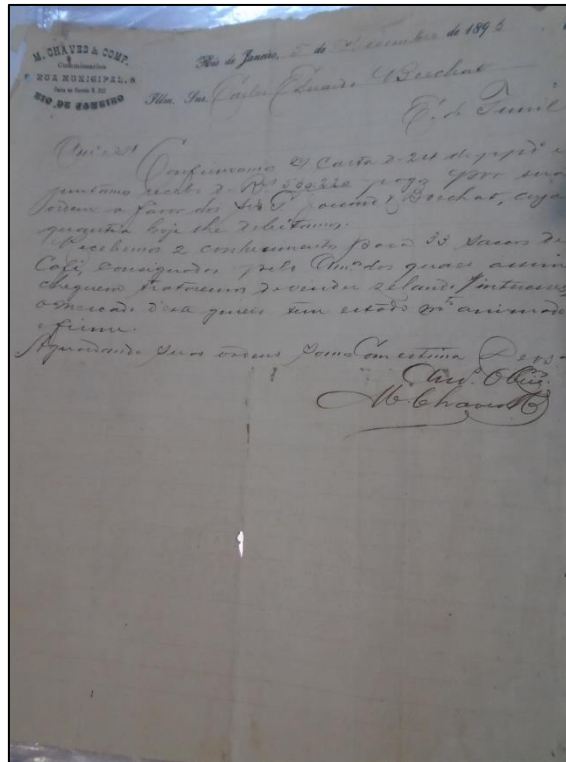


Imagem 6-13 Nota promissória do Sr. Carlos Boechat referente a transações com casas de comércio no Rio de Janeiro, 1891.

7. Execução do Salvamento Arqueológico

Em conformidade com o projeto apresentado e aprovado pelo IPHAN, as primeiras intervenções em subsuperfície realizadas na área dos sítios arqueológicos, em questão, tiveram um caráter preliminar cujo objetivo principal era localizar áreas de concentração de material arqueológicos para que então pudessem ser realizadas escavações em ampla superfície. Para tanto, os sítios arqueológicos foram divididos em grandes áreas com tamanho regulares (36x36m), que interiormente foram subdivididos em quadrantes de 9x9m para facilitar a ordenação das intervenções. As grandes áreas (36x36m) foram divididas a partir de malha alfanumérica de 1x1m.

Nessas áreas de 1x1m foram realizadas intervenções em subsuperfície (Araujo,2001), para verificar a ocorrência de vestígios arqueológicos. Essas aberturas tiveram espaçamento regular de 8 m, sendo realizadas no ponto central dos quadrantes de 9x9m, e ocuparam integralmente a poligonal dos sítios arqueológicos.

Desse modo, cada intervenção preliminar foi capaz de produzir informação sobre a existência de contextos arqueológicos em uma área de 9m². Este procedimento de trabalho foi baseado no método denominado por Hodder e Orton (1976) e Orton (1982) de *Grid Generalization*, onde intervenções com espaçamentos regulares são capazes de informar sobre a ocorrência de contextos arqueológicos em áreas restritas. A disposição dessas intervenções sobre a malha arqueológica foi feita em arranjo ortogonal (Krakker et al., 1983 apud Araujo,2001).

Todas as intervenções foram amplamente documentadas por meio do preenchimento da ficha de escavação, registro fotográfico e levantamento estratigráfico. No que tange as tradagens, foram elaboradas colunas estratigráficas, e nas unidades de escavação (1x1m ou 0,50x0,50m) perfis estratigráficos.

7.1 - Resgate do Sítio Boa Vista 1 (SBV1)

O Sítio Arqueológico Boa Vista I foi registrado a partir da ocorrência de fragmentos de louça, cerâmica vitrificada, metal e vidro, sendo destaque a localização de fundo de garrafa com a inscrição “Rocha Leão”, relacionado ao século XIX. Este material foi localizado no entorno de uma casa de pau-a-pique, situada na propriedade, do Sr. Aceolino da Silva Maia (n.AP-010). Cabe ressaltar que os vestígios arqueológicos encontravam-se dispersos pela superfície do terreno, mesclados a materiais de lixo recente da casa atual.

As informações obtidas na fase anterior de pesquisa arqueológica deram suporte para o planejamento atividades de intervenções preliminares. Os serviços de pesquisa, neste sítio, obedeceram as seguintes etapas:

7.1.1 - 1ª Etapa–Detecção de Áreas de Concentração de Material Arqueológico

A primeira atividade efetuada no Sítio Boa Vista 1 foi a produção de mapa dividindo a poligonal do sítio em áreas de pesquisa, que posteriormente seriam subdivididas com malha alfanumérica, onde foram plotadas as intervenções preliminares. O tamanho padrão estipulado para as áreas de pesquisa foi de 36x36m, no entanto como a poligonal do sítio apresenta assimetria em relação ao padrão, algumas áreas tiveram tamanho reduzido. Foram determinadas ao todo 10 áreas de pesquisa, sendo apenas 3 com a dimensão de 36x36m e as demais com tamanho reduzido (ver mapa 01- anexo 02).

Na primeira etapa, caracterizada como *Intervenções Preliminares*, foram realizadas intervenções, em locais previamente determinados, na forma de tradagens com intuito obter informações de cunho estratigráfico, e localizar áreas de concentração de vestígios arqueológicos associados atividades cotidianas pretéritas e/ou remanescentes estruturais de edificações. O objetivo das *Intervenções Preliminares* é de produzir subsídios para execução das escavações intensivas em ampla superfície.

Nesta atividade foram executadas ao todo 108 intervenções em subsuperfície, conforme apresentado a seguir:

Na primeira empreitada foram abordado pontos de prospecção inseridos nas áreas 1, 2, 3 e 4. Na área 1 foram realizadas intervenções nos quadrantes N14, N23, N32, F14, F23, W23, W32, F32, W5, W14, F32 e O5. Na área 2 foram abordados os quadrantes F5, W5, N5 e E5. Na área 3 foram abordados os quadrantes E32, E14, E23, N23, N14. Na área 4 foi abordado o quadrante E5. Nesse conjunto de intervenções foi registrada a presença de solo compacto, com característica areno-argiloso e coloração variando entre 10YR3/2, 10YR6/3 e 10YR7/6. As tradagens escavadas variaram com profundidade entre 50cm e 60cm, até atingir camada estéril, sem que houvesse registro de cultura material.



Imagem 7.1.1-1 Equipe executando intervenções em linha



Imagem 7.1.1-2 Tradagem executada no ponto E5 da área

de tradagem

4.



Imagem 7.1.1-3 Tradagem executada no ponto N5 da área 2.

Imagem 7.1.1-4 Tradagem executada no ponto N32 da área 1.

Dando continuidade às atividades relacionadas a etapa de intervenções preliminares, foram realizadas intervenções nas áreas 1, 3, 4, 6 e 8. Na área 1 foi realizada intervenção no ponto F'5. Na área 3 foram realizadas intervenções nos setores N32, N5 e E5. Na área 4 foram realizadas intervenções nos setores N14, E13 e N5. Na área 6 foram realizadas intervenções nos setores F'31 e F'14. Na área 8 foram realizadas intervenções nos setores E23, N23, W23, W14, N14 e E14. Nas intervenções descritas acima, foi possível registrar a presença de solo compactado com característica areno-argilosa, com profundidade variando entre 50cm e 60cm. As tradagens foram abertas com uma profundidade que variou entre cinquenta e sessenta centímetros, em um solo areno-argiloso, compacto e com variações de cores registradas com a 10YR3/2, 10YR6/3 e 10YR7/6. Foi registrado a ocorrência de um fragmento cerâmico em superfície, na área 4 ponto N5.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 7.1.1-5 Tradagem executada no ponto F'5 da área 1. Imagem 7.1.1-6 Tradagem executada no ponto N5 da área 4.

No terceiro momento da empreitada foram executadas 36 intervenções em subsuperfície na forma de tradagem, inseridos nas áreas 7, 8, 9 e 10. Na área 7 foram prospectados os pontos W5, N5, E5, F'5, N23, E23, E14, W14, F'14, W23, F'23, E32, N32, W32, F'32. Na área 8 foram prospectados os pontos F'5, W5, N5, E5, F'14, F'23. Na área 9 foram realizadas intervenções nos quadrantes F'14, N14, N5, E5, N32, N23, E23, E32. Na área 10 foram prospectados os pontos E5, N5, N23, N14, E14 e E23. Essas intervenções tiveram profundidade média entre 50cm e 60cm, apresentando sedimento com textura areno-argilosa nas áreas mais elevadas, e textura argilosa nas partes mais baixas do sítio.

Não houve registros de material arqueológico durante os procedimentos, sendo observadas apenas as configurações gerais do sedimento trabalhado. O solo permaneceu com variações padrões em quase todos os pontos com as cores 10YR3/2, 10YR6/3 e 10YR7/6 e nas áreas mais baixas apresentou coloração 10YR6/1.



Imagem 7.1.1-7 Equipe durante execução das intervenções preliminares. Imagem 7.1.1-8 Tradagem executada no ponto N23 da área 10.

Dando prosseguimento as atividades de caráter preliminar, foram executadas na área 3 intervenções nos setores F'14, W14, W5, F'5, e na área 5 intervenções nos setores F'14, W14, N14, E14, E5, W5, F'5 e N5. As tradagens tiveram profundidade máxima de 60cm, sendo observado solo com textura areno-argiloso até os últimos níveis escavados, quando se observava uma mudança para uma textura mais argilosa e úmida por consequência dessas áreas estarem próximas aos pontos de inundação do sítio. No geral, não houve registro de material em nenhuma das abordagens. A coloração do sedimento variou entre 10YR3/2, 10YR6/3 e 10YR6/1.



Imagem 7.1.1-9 Equipe durante execução das intervenções preliminares.



Imagem 7.1.1-10 Tradagem executada no ponto F'5 da área 3.

Concluindo os procedimentos de aberturas de tradagens, foram abertas intervenções nos setores W23, W32, F'32, F'23 da área 3; F'14, W14, F'5 e W5 da área 4; F'32, F'23, E23, N23, W23, W32, N32, E32 da área 5 e F'5, N5, W5, W14, N14, E14, E5 da área 6, onde estava localizada a edificação do local. Todas as tradagens foram abertas até sessenta centímetros de profundidade, em um solo areno-argiloso e argiloso, com camadas de coloração 10YR3/2, 10YR6/3 e 10YR7/6.



Imagem 7.1.1-11 Tradagem executada no ponto F'32 da área 3.

Imagem 7.1.1-12 Tradagem executada no ponto F'5 da área 6.

Nas sondagens W14 da área 4, N23 e W23 da área 5, houve ocorrência de alguns fragmentos de telha; na tradagem N5 da área 6, houve ocorrência de carvão; na tradagem W5 da área 4, houve ocorrência de cerâmica e carvão; nas tradagens W23 e F'23 da área 3 e N3 da área 5 houve ocorrência de cerâmica e vidro; na W23 da área 5 e na E32 também da área 5, foram coletados fragmentos de cerâmica na superfície, assim como a três metros norte da tradagem E32 da mesma área, onde foi identificado e coletado em superfície mais um fragmento de cerâmica.

7.1.2 - 2ª Etapa –Intervenções Arqueológicas Intensivas

Na segunda etapa do salvamento arqueológico, correspondente a escavação em superfície ampla, foram executadas intervenções nas três áreas que houveram ocorrência de material cultural, sendo na área 3 os setores W23 e F'23; na área 4 o setor W5; e na área 5 os setores E32, N32 e W23 (ver mapa 02 – anexo 02).

Tendo esses pontos de como referências positivas para a presença de material cultural, foram iniciados os trabalhos com aberturas de unidades estratigráficas, medidas em 2x1 (B'23 e B'24, da área 3; Z5 e Z6, da área 4; E32 e F32, N33 e N34, P28 e P29, W23 e W22 da área 5) e 2x2 (D25, E'25 e F'23 da área 3).

A primeira unidade trabalhada foi a F'23 da área 3, com dimensões de 2x2. Na limpeza da superfície foi coletado um fragmento de louça, já no primeiro nível (0-10cm), foram coletados fragmentos de cerâmica e louça, além da observação das marcas de carbonização e bioturbações no solo.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

No segundo nível (10-20cm), foram coletados fragmentos de cerâmica, louça e ferro, em uma quantidade pouco relevante; no nível 3 (20-30cm), foram identificados e coletados fragmentos de cerâmica e louça, já nos dois últimos níveis (30-40 e 40-50cm), foram identificados materiais com características recentes, interpretado como ponto de descarte em uma região diferente de onde estava sendo encontrado os outros materiais, decorrentes da região noroeste da unidade. Durante a intervenção foi observado um solo areno-argiloso, compacto e com a coloração 10YR3/2 nos três primeiros níveis e 10YR6/3 nos dois últimos.



Imagem 7.1.2-13 Unidade escavada no ponto F'23 da área 3,
no nível 20-30



Imagem 7.1.2-14 Unidade escavada no ponto F'23 da área 3,
no nível final com 50cm.

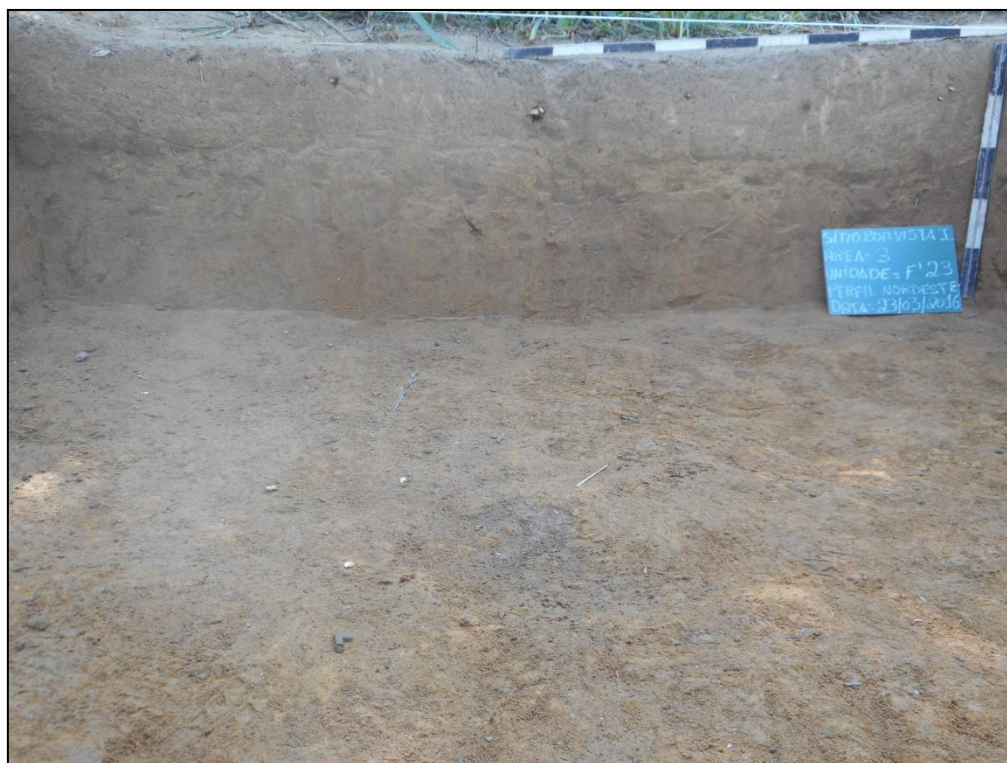


Imagem 7.1.2-15 Detalhe do perfil da unidade F'23 sem definição de camada arqueológica de ocupação

As unidades escavadas nos setores B'23 e B'24 da área 3, deram forma a uma escavação com dimensão 2x1. No primeiro nível (0-10cm), foi identificado nas duas unidades materiais recentes como, vidro, material construtivo e metal, esses não levados em consideração. Ainda no primeiro nível, na unidade B'23, foi coletado fragmentos de cerâmica, no nível 2 (10-20cm) apenas na unidade B'24 foram coletados outros fragmentos cerâmicos.

No terceiro nível de 20-30cm, foram coletados mais fragmentos cerâmicos na unidade B'23, onde houve também, ocorrência e manchas de carvão. No último nível (30-40cm), não foi registrado material arqueológico em nenhuma das unidades trabalhadas. O solo areno-argiloso apresentou uma coloração 10YR3/2 em todos os níveis, com uma observação apenas para uma mancha de cor 10YR6/3 no último nível da unidade B'24.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 7.1.2-16 Vista de topo da unidade escavada no setor B'24, apresentando estratigrafia homogênea.



Imagem 7.1.2-17 Vista de topo da unidade escavada no setor B'23, apresentando estratigrafia homogênea.

Nas unidades D'25 e E'25 da área 3, unidade de 2x1. No primeiro nível (0-10cm), foram observados materiais recentes como plásticos, vidro e material construtivo. Também foram identificados e coletados na unidade D'25 fragmentos de cerâmica, já nos dois últimos níveis (10-20 e 20-30cm) não houve registro de material. O solo foi caracterizado como areno-argiloso, compacto e com a cor 10YR3/2 em todos os níveis.



Imagem 7.1.2-18 Vista de topo da unidade escavada no setor D'25, apresentando estratigrafia homogênea.

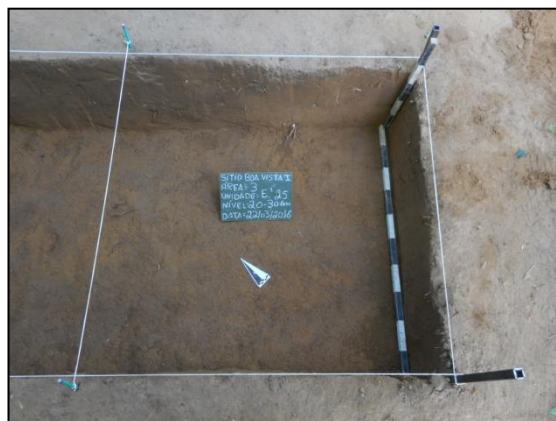


Imagem 7.1.2-19 Vista de topo da unidade escavada no setor E'25, apresentando estratigrafia homogênea.



Imagem 7.1.2-20Vista de topo da unidade escavada no setor E'25, apresentando estratigrafia homogênea.

Nas unidades F32 e E32 da área 5, que por terem sido escavadas de modo contíguo configuraram dimensão de 2x1m. No primeiro nível (0-10cm) de ambas as unidades foram registradas as ocorrências de material construtivo, com características recentes.

No segundo nível (10-20cm), só foram observadas pequenas manchas de carvão na unidade E32 e em seguida foi concluída a escavação no nível 3 (20-30cm), sem ocorrência de materiais. O solo areno-argiloso apresentou a cor 10YR3/2 em todos os níveis da unidade E32, já na F32 essa cor foi registrada nos dois primeiros níveis sendo no último observada a cor 10YR6/3.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 7.1.2-21 Vista de sondagem escavada no setor E32. Imagem 7.1.2-22 Vista de sondagem escavada do setor F32.

Concluindo as abordagens nesse dia, as unidades N33 e N34 da área 5 foram escavadas formando uma unidade de 2x1. No primeiro nível as duas apresentaram material construtivo recente, já nos dois níveis seguintes não houve registros de material arqueológico. O solo areno-argiloso apresentou coloração 10YR3/2 nos dois primeiros níveis e no último a cor 10YR6/3.



Imagem 7.1.2-23 Vista da sondagem escavada no setor N34. Imagem 7.1.2-24 Vista da sondagem escavada no setor N33.

As escavações das unidades P28 e P29 da área 5, foram realizada de modo contíguo compondo uma área com 2x1m. No primeiro nível (0-10cm) foi registrado a ocorrência de material construtivo recente, já nos dois seguintes não houve registro de material. O solo areno-argiloso apresentou coloração 10YR3/2 nos dois primeiros níveis e no último a cor 10YR6/3.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 7.1.2-25 Vista da sondagem escavada no setor P28. Imagem 7.1.2-26 Vista da sondagem escavada no setor P29.

A escavação das unidades W22 e W23 da área 5, foram realizadas de modo contiguo formando uma área de escavação com dimensão de 2x1m. No primeiro nível foram registrados nas duas unidades ocorrência de material recente (vidro e material construtivo); no segundo nível foi identificado carvão e manchas na unidade W22 e vidro na W23. Com a baixa relevância do material encontrado a escavação foi encerrada no terceiro nível (20-30cm), com a identificação de um solo areno-argiloso com a cor 10YR3/2 no primeiro nível das unidades e 10YR6/3 nos dois últimos.

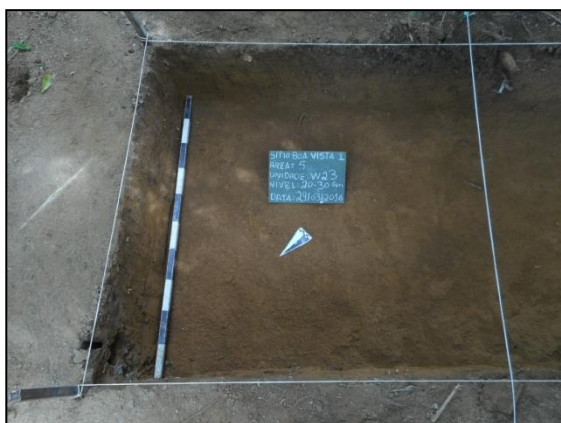


Imagem 7.1.2-27 Vista da sondagem escavada no setor W23. Imagem 7.1.2-28 Vista da sondagem escavada no setor W22.

Concluindo as intervenções no Sítio Boa Vista I, nesse mesmo dia foram abordadas as unidades Z5 e Z6 da área 4 (2X1). No primeiro nível (0-10cm) das unidades foi registrada a ocorrência de material construtivo nas duas unidades; no segundo nível da unidade Z6 foram observadas manchas de carvão, porém sem grande relevância para formação de um contexto arqueológico.

Com a baixa relevância do material encontrado a escavação foi encerrada no terceiro nível (20-30cm), com a identificação de um solo areno-argiloso nas duas unidades, a Z6 apresentou a cor 10YR3/2 nos dois primeiros níveis e 10YR6/3 no último, já na Z5 foi visto uma coloração 10YR3/2 no primeiro nível e 10YR6/3 nos dois últimos.



Imagem 7.1.1-29 Vista da sondagem escavada no setor Z5.



Imagem 7.1.1-30 Vista da sondagem escavada no setor Z6.

7.1.3 - Resultados

As intervenções arqueológicas realizadas no Sítio Bo Vista I foram divididas em duas etapas cujos objetivos eram, inicialmente, localizar áreas com concentração de material cultural, seguido pela obtenção de informações consistentes a partir de escavações em superfícies amplas.

Vale ressaltar que mesmo com o grande número de intervenções preliminares associados ao curto intervalo entre elas, não foram observados vestígios arqueológicos que dessem suporte material ao registro de um sítio arqueológico, seja pela baixíssima frequência com que foram evidenciados, assim como pela inexistência de estratigrafia condizente com áreas resultantes de ocupações históricas.

Apesar disso, foram executadas escavações intensivas em áreas onde foram coletados vestígios de material cultural com intuito de analisar a estratigrafia do local e registrar aspectos relacionados a dispersão dos vestígios evidenciados durante a etapa de intervenções preliminares.

Ao analisar a estratigrafia das áreas escavadas, ficou evidente que o material depositado nos primeiros níveis de escavação são oriundos de uma ocupação intermitente, possivelmente de uma estrutura habitacional secundária à sede de uma fazenda. Vale frisar a existência de uma casa de pau-a-pique no interior do sítio escavado (ver anexo 03 – levantamento arquitetônico).

Por fim, a baixíssima ocorrência de material associado a uma estratigrafia homogênea, sem marcas de ocupação intensiva apontam para uma local que era ocupado por pouquíssimas pessoas de modo intermitente. Com isso consideramos que as intervenções arqueológicas realizadas neste espaço foram suficientes para obtenção de informações primária sobre a ocupação, sendo **recomendado a liberação da área** para prosseguimento das atividades do empreendimento.

7.1.3.1 - Análise dos Materiais

Foram coletados ao todo 77 fragmentos de vestígios arqueológicos durante as intervenções arqueológicas no Sítio Boa Vista I, correspondentes a categorias de Porcelana, Faiança Fina, Cerâmico (doméstico e material construtivo), Metal, Vidro. Dentre as categorias de material cultural evidenciados, 2 fragmentos foram de porcelana, 7 fragmentos de Faiança Fina, 26 fragmentos cerâmicos associados ao uso doméstico, 4 fragmentos de metal, 1 fragmento de vidro e 37 fragmentos cerâmicos utilizados como material construtivo.

O material cultural coletado, encontra-se com altíssimo grau de fragmentação sendo possível obter datação média a partir dos fragmentos de faiança fina e porcelana, indicando que esta ocupação intermitente foi realizada entre o final do século XIX e meados do XX.



Imagem 7.1.3.1-1 Fragmentos cerâmicos coletados no setor B'23 da área 3, no nível 20-30



Imagem 7.1.3.1-2 Fragmento cerâmico coletado no setor F'23 da área 3, no nível 20-30



Imagem 7.1.3.1-3 Fragmento cerâmico coletado no setor W5 da área 4, no nível 0-20



Imagem 7.1.3.1-4 Fragmento cerâmico coletado no setor O'25 da área 3, no nível 0-10



Imagem 7.1.3.1-5 Fragmentos cerâmicos coletados no setor B'23 da área 3, no nível 0-10



Imagem 7.1.3.1-6 Fragmentos cerâmico coletados no setor B'24 da área 3, no nível 10-20



Imagem 7.1.3.1-7 Fragmentos cerâmicos coletados no setor F'23 da área 3, no nível 20-30



Imagem 7.1.3.1-8 Fragmentos cerâmicos coletados no setor W32 da área 5 em superfície



Imagem 7.1.3.1-9 Fragmentos de faiança fina coletados no setor W32 da área 2, no nível 10-20



Imagem 7.1.3.1-10 Fragmento de porcelana coletado no setor F'23 da área 3, no nível 0-10



Imagem 7.1.3.1-11 Fragmento de vidro coletado no setor W23 da área 5, em superfície



Imagem 7.1.3.1-12 Fragmentos de porcelana no setor F'23 da área 3, em superfície

7.2 - Resgate do Sítio Boa Vista 2 (SBV2)

De acordo as atividades de Prospecção Arqueológica, ao circular uma estrada de acesso à propriedade n.AP-015, de Sra. Amélia Vieira Dias, foram encontrados vestígios arqueológicos ao longo de um corte no terreno que se estende por cerca de 50 m. Foram coletados fragmentos de louças (um deles com a inscrição “BochF...”, que corresponde à marca “BochFrères” ou Boch et frèresLalouvière”, de uma fábrica de louças com produção aproximada entre 1880 e 1900. Segundo relato do morador da respectiva área, Sr. Eugênio Dias, ali ficava a casa de sua bisavó. No entorno há um pequeno lago e uma parte mais elevada do terreno – o que poderia indicar o local desta antiga casa.

As informações obtidas na fase anterior de pesquisa arqueológica deram suporte para o planejamento atividades de intervenções preliminares. Os serviços de pesquisa, neste sítio, obedeceram as seguintes etapas:

7.2.1 - 1ª Etapa – Detecção de Áreas de Concentração de Material Arqueológico

A primeira atividade efetuada no Sítio Boa Vista 2 foi a produção de mapa dividindo a poligonal do sítio em áreas de pesquisa, que posteriormente seriam subdivididas com malha alfanumérica, onde foram plotadas as intervenções preliminares. O tamanho padrão estipulado para as áreas de pesquisa foi de 36x36m, no entanto como a poligonal do sítio apresenta assimetria em relação ao padrão, algumas áreas tiveram tamanho reduzido. Foram determinadas ao todo 12 áreas de pesquisa, sendo apenas 4 com a dimensão de 36x36m e as demais com tamanho reduzido (ver mapa 01 – anexo 04).

Na primeira etapa, caracterizada como *Intervenções Preliminares*, foram realizadas intervenções, em locais previamente determinados, na forma de tradagens com intuito obter informações de cunho estratigráfico, e localizar áreas de concentração de vestígios arqueológicos associados atividades cotidianas pretéritas e/ou remanescentes estruturais de edificações. O objetivo das *Intervenções Preliminares* é de produzir subsídios para execução das escavações intensivas em ampla superfície.

Nesta primeira etapa foram executados o total de 144 intervenções em subsuperfície na forma de tradagem:

Na primeira empreitada da atividade, foram realizadas intervenções na forma de tradagens atingindo uma profundidade média de 70 cm, todavia, houveram variações de profundidades relacionados diretamente as características texturais e de coloração registradas durante as intervenções.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

Foram trabalhados os pontos F'5, F'14, F'23 e F'32, da área 7; F'5, F'14 e F'23 da área 8; E32, E23, E14, N32, N23, N14, N5 e E5 da área 10 e os pontos E23, E14, E5, N14 e N15 da área 11, totalizando vinte pontos escavados. Os pontos trabalhados na área 7 foram escavados até 50 cm de profundidade, pois apresentaram solo areno-argiloso, compacto, com uma variação da cor 10YR3/2 entre o 0-10cm e 10YR5/4 entre os 11-50cm. Não houve registro de material arqueológico.

Os pontos trabalhados na área 8 também apresentaram as mesmas características da área 7, assim como as tradagens abertas nas áreas 10 e 11, apenas com uma diferença na intervenção N14 da área 11 que foi aberta até os 60 cm também sem ocorrência de material arqueológico. No geral foi observado em todas as intervenções um solo compacto, areno-argiloso e com a coloração 10YR3/2 no primeiro nível (0-10cm) e 10YR5/4 nos níveis em seqüência. Todos os pontos estavam localizados na parte mais íngreme do sítio e não houve registros arqueológicos.



Imagem 7.2.1-1 Equipe durante atividade de detecção de material arqueológico.



Imagem 7.2.1-2 Equipe durante atividade de detecção de material arqueológico.



Imagem 7.2.1-3 Intevenção executada no ponto N14 da Área 11.



Imagem 7.2.1-4 Intevenção executada no ponto F32 da Área 7.

Na seqüência das atividades de detecção de material arqueológico, foram escavados os pontos: F75 da área 5; W5, N5 e E5 da área 8; F32, W32, W23, F23, F14, W14, W5 e F5 da área 1; W32, N32, E32, E23, N23, W23, W14, N14, E14, E5, N5, W5 da área 7 e F32, W32, N32, E32, E23, N23, W23, F23, F14, W14, N14, E14, E5, N5, W5 e F5 da área 4.

Na área 1, todas as tradagens foram abertas até 50 cm de profundidade em um solo areno-argiloso compacto, nos pontos F23, F32, W23 e W32, foi observado um solo com a tipologia já apresentada, com uma variação de cor com 10YR3/2 no primeiro nível (0-10cm) e 10YR5/4 até os 50 cm, sem ocorrência de material arqueológico. Nos pontos F14, W5 e W14, somente foi observada uma variação de cores com registro da 10YR5/4 até os 30 cm escavados e 10YR7/6 até os 50cm.

Na área 4 foram observadas características semelhantes no solo, também sem vestígios arqueológicos encontrados e apenas com variações de cores no sedimento abordado. Nos pontos E5, E32, F32, N5, N32, W5 e W32 a coloração na primeira camada (0-10cm) foi 10YR3/2 e 10YR5/4 até 50 cm.

Nos pontos E14, F5, F14, F23, N14, N23, W14 e W23 foi registrado na primeira camada (0-30cm) a cor 10YR5/4 e 10YR7/6 até os 50 cm. No ponto E23 foi registrado o mesmo tipo de solo com uma coloração 10YR5/4 na primeira camada (0-30cm) e 10YR7/1 até 50 cm.

Na área 5 foi trabalhado apenas o ponto F5, onde foi observado um solo compacto, areno-argiloso, com a coloração 10YR3/2 nos primeiros níveis escavados (0-20cm) e 10YR5/4 observado até os 50 cm.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

Na área 7 manteve-se o registro de solo areno-argiloso, compacto e sem registro de material arqueológico, sendo observado apenas mudanças na coloração do solo, estando os pontos E5, E14, E23, F'5, N5, N14 e W14 com a cor 10YR5/4 de nos primeiros 30cm, e 10YR7/6 até os 60 cm. Já os pontos E32, N23, N32, W5, W23 e W32, apresentaram uma coloração variante com a cor 10YR3/2 entre 0-10cm, e 10YR5/4 até os 50 cm.

Na área 8, onde foram trabalhados os pontos E5, N5 e W5, foi observado características semelhantes as outras áreas, sendo solo areno-argiloso, compacto, sem registro de vestígios arqueológicos e com variação de cores, no primeiro nível (0-20cm) com coloração 10YR3/2, e até os 50cm com coloração 10YR5/4.



Imagem 7.2.1-5 Intevenção executada no ponto W5 da Área 7.



Imagem 7.2.1-6 Intevenção executada no ponto F'5 da Área 1.



Imagem 7.2.1-7 Intevenção executada no ponto E14 da Área 4.



Imagem 7.2.1-8 Intevenção executada no ponto F'5 da Área 5.

Na sequência das atividades foram realizadas intervenções nos pontos F⁵, W⁵, N⁵, N¹⁴, W¹⁴ e F¹⁴ da área 2; F²³, F¹⁴, W⁵, N¹⁴, F¹⁴, W⁵, N⁵ e E⁵ da área 5; além dos pontos E¹⁴, N¹⁴, W¹⁴, W²³, E²³ e N²³ da área 8, todas com profundidade máxima de 50 cm, com sedimento de textura areno argilosa e alta compactação.

No geral, foi observado um solo com a coloração 10YR3/2 nos primeiros dois níveis 0-20cm, e 10YR5/4 nos últimos níveis em quase todas as sondagens, com exceção para os pontos N¹⁴, N⁵ e W⁵ da área 2, onde foi observado a cor 10YR3/2 no primeiro nível (0-10cm), 10YR5/4 entre os níveis 10-30cm e os últimos níveis (30-50cm) voltando a presença da cor 10YR3/2. Não houve nenhum registro de vestígios arqueológicos.



Imagem 7.2.1-9 Intevenção executada no ponto N14 da Área 5.



Imagem 7.2.1-10 Intevenção executada no ponto W14 da Área 2.

Na sequencia das atividades de detecção de material arqueológico foram realizadas intervenções nos pontos: E³² da área 11; E⁵ da área 12; F²³, W²³, N²³, N³², W³² e F³² da área 2; F¹⁴, W¹⁴, N¹⁴, E¹⁴, F⁵, W⁵, N⁵ e E⁵ da área 6; F⁵, W⁵, N⁵, E¹⁴, N¹⁴, W¹⁴ e F¹⁴ da área 3; E¹⁴, N¹⁴, F⁵, W⁵, N⁵, E⁵ da área 9; E³², N³², W³², F³², da área 8 e E³², N³², W³², F³², W²³, N²³ e E²³ da área 5, totalizando quarenta pontos escavados com profundidade de 50 cm em solo com alta compactação.

Foi observada uma coloração 10YR3/2 nos primeiros níveis e 10YR5/4 nos últimos em quase todas as tradagens, exceto os pontos da área 2, que apresentou coloração 10YR6/3 nos primeiros níveis e 10YR7/1

nos últimos. Foi registrado a ocorrência de um fragmento de cerâmica na tradagem N5 da área 6, e um fragmento de grés no ponto W32 da área 2.



Imagem 7.2.1-11 Intervenção executada no ponto N5 da Área 9.



Imagem 7.2.1-12 Intervenção executada no ponto E5 da Área 12.



Imagem 7.2.1-13 Intervenção executada no ponto N5 da Área 6.



Imagem 7.2.1-14 Intervenção executada no ponto W32 da Área 2.

No último de atividades relacionadas a etapa de detecção de concentração de material arqueológico, foram realizadas intervenções, na forma de tradagem, nos pontos: E23, F^o23, W23 e N23 da área 3; F^o32, W32, E23, N23, W23, F^o23, F^o23, F^o14, W14 da área 9 e E32, E23 e E14 da área 12, todas com profundidade de máxima

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

de 50 cm. Em todas as sondagens foi observado um solo areno-argiloso, com alta compactação e coloração 10YR3/2 nos primeiros níveis e 10YR5/4 nos níveis finais. Não houve registro de material arqueológico nessas intervenções.



Imagem 7.2.1-15 Equipe executando intervenções para detecção de material arqueológico. Destaque para a curta distância entre as intervenções.



Imagem 7.2.1-16 Intevenção executada no ponto F'14 da Área 9.



Imagem 7.2.1-17 Intevenção executada no ponto W23 da Área 3.



Imagem 7.2.1-18 Intevenção executada no ponto E23 da Área 6.

7.2.2 - 2ª Etapa – Intervenções Arqueológicas Intensivas

A partir das informações obtidas durante a execução das atividades na 1ª etapa de intervenções, foi dado início a segunda etapa das atividades relacionadas o resgate arqueológico, sendo realizadas escavações de unidades com controle estratigráfico nos pontos que foram registradas informações de ocorrência de material arqueológico (ver mapa 02 – anexo 04).

Inicialmente foram escavadas as unidades W32 e a X32 da área 2, que juntas compõem uma área com dimensão de 2x1m.

Na unidade W32 foram coletados fragmentos de louça nos três primeiros níveis de 0-30cm, no nível de 30-40cm e 40-50cm foi identificado e coletado dois fragmentos de cerâmica. Na unidade X32 foram coletados poucos fragmentos de louça no segundo nível (10-20cm), entre 20-30cm identificados e coletados fragmentos de grés e nos níveis de 30-50cm também foram coletados outros fragmentos de louça.

Foi observado um solo com a coloração 10YR6/3 nos primeiros níveis, seguido da cor 10YR5/6 no nível de 20-30cm, 10YR3/2 entre os níveis 30-60cm e 10YR7/1 no último nível da unidade W32. Na X32, foram observadas as cores 10YR6/3 nos níveis de 0-30cm, 10YR3/2 entre 30-50cm e 10YR7/1 nos níveis 50-70cm. Todas as camadas apresentaram um solo de composição areno-argiloso.



Imagem 7.2.2-1 Equipe durante escavação das unidades estratigráficas



Imagem 7.2.2-2 Equipe durante escavação das unidades estratigráficas

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 7.2.2-3 Detalhe da unidade W32 da área 2, no nível 30-40cm.



Imagem 7.2.2-4 Detalhe da unidade X32 da área 2, no nível 30-40cm.



Imagem 7.2.2-5 Vista geral da escavação das unidades W32 e X32, no nível 60-70cm.

De modo contíguo as unidades W32 e X32 foi iniciada a escavação da unidade V32, configurada como uma ampliação destas, formando uma área com dimensão de 3x1m. Foram identificados e coletados fragmentos de louça no nível 10-20cm e no 30-40cm e nos níveis entre 40 e 50 centímetros foram identificados fragmentos de louça e ferro.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

Foi observado um solo areno-argiloso, com a coloração 10YR6/3 nos três primeiros níveis de 10-30cm, nos níveis 40-60cm foi visto a cor 10YR7/1 com duas manchas da cor 10YR3/2 e a o último nível (60-70cm) apresentou uma coloração 10YR7/1.

Todo material cultural coletado durante a execução dessas intervenções estavam dispostos de forma aleatória nos níveis de escavação, e em baixa proporção quantitativa. Apesar da presença rarefeita de material cultural, não foi identificada na estratigrafia uma camada arqueológica.



Imagem 7.2.2-6 Detalhe da escavação da unidade V32 no nível 30-40 cm.



Imagem 7.2.2-7 Vista geral da escavação das unidades W32, X32 e V32.

Na área 6 foram abertas unidades de escavação nos setores N4 e N5 apresentaram a mesma composição e coloração do solo, areno-argiloso com a cor 10YR3/2. Na N4 não houve registro de material, já na N5 foi coletado vidro no primeiro nível (0-10cm). A coleta realizada neste sítio foi de cunho isolado, não sendo observado estratigraficamente a presença consistente de material cultura condizente com o registro de um sítio arqueológico.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 7.2.2-8 Vista geral da unidade de escavação N5 na área 6, no nível 20-30cm.



Imagem 7.2.2-9 Vista geral da unidade de escavação N4 na área 6, no nível 20-30cm.

Dando continuidade aos procedimentos de escavação em área com maior amplitude, foram iniciadas as intervenções nos setores J'21 e J'22, também na área 6. Cabe ressaltar que a uma distância de aproximadamente 1 m, a nordeste da unidade J'22, estava localizada a sondagem que deu origem ao sítio. As duas unidades não apresentaram vestígios arqueológicos durante as escavações, onde foi registrado um solo areno-argiloso com a cor 10YR3/2 no primeiro nível (0-10cm) e 10YR5/4 nos níveis finais de 10-40cm em ambas. Cabe ressaltar que o perfil estratigráfico não apresenta sinais de ocupação humana intensiva.



Imagem 7.2.2-10 Vista geral das unidades J'21 e J'22, no nível 30-40cm.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

Na área 9 foram abertas unidades estratigráficas, contíguas, nos setores B23 e C23, totalizando uma área de escavação com dimensão de 2x1m. Nas duas unidades não houve ocorrência de material arqueológico, onde foi observado um solo areno-argiloso em ambas as unidades com a coloração 10YR3/2 no primeiro nível (0-10cm) e 10YR5/4 nos dois últimos níveis (10-20 e 20-30cm). Destaque para inexistência de indícios de ocupação humana intesiva na estratigrafia da escavação.



Imagem 7.2.2-11 Vista geral das unidades B23 e C23, no nível 20-30cm.

Ainda na área 9, foram iniciadas escavações estratigráficas nos setores G7 e G8, totalizando uma área com dimensão de 2x1m. Nessa escavação só houve registro de material na unidade G7, onde foi coletado um fragmento de louça no nível 2 (10-20cm). O solo areno-argiloso apresentou uma coloração 10YR3/2 em todos os níveis da unidade G7, já a unidade G8 apresentou coloração 10YR3/4 no último nível (30-40cm).

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 7.2.2-12 Vista geral da unidade de escavação G7 na área 9, no nível 30-40cm.



Imagem 7.2.2-13 Vista geral da unidade de escavação G8 na área 9, no nível 30-40cm.

Concluindo as atividades de escavação intensiva, foram realizadas intervenções, na área 2, nos setores X34 e X35, totalizando uma escavação com dimensão de 2x1m. Na unidade X34 foram identificados e coletados fragmentos de louça no nível 10-20cm, na unidade X35, foram coletados no nível 10-20cm fragmentos de louça e vidro, já no nível 20-30cm foram identificados e coletados outros fragmentos de louça. O solo areno-argiloso foi compacto em ambas as unidades com a coloração 10YR6/3 nos três primeiros níveis de (0-30cm) e 10YR3/2 nos dois últimos (30-40 e 40-50).



Imagem 7.2.2-14 Vista geral da unidade de escavação X34 na área 2, no nível 40-50cm.



Imagem 7.2.2-15 Vista geral da unidade de escavação X35 na área 2, no nível 40-50cm.

7.2.3 - Resultados

As intervenções arqueológicas realizadas no Sítio Boa Vista II foram divididas em duas etapas cujos objetivos eram, inicialmente, localizar áreas com concentração de material cultural, seguido pela obtenção de informações consistentes a partir de escavações em superfícies amplas.

Vale ressaltar que o registro deste sítio foi realizado a partir da ocorrência de vestígios dispersos e descontextualizados. Desse modo, a criação de uma malha arqueológica estreita para detecção de concentração de material arqueológico, com intervalo regular de 8m entre as intervenções, tinha o objetivo de ter um resultado amostral extremamente detalhado sobre todo o perímetro do sítio, o que daria suporte para a execução de intervenções de maior amplitude.

Vale ressaltar que mesmo com o grande número de intervenções preliminares, associados ao curto intervalo entre elas, não foram observados, do ponto de vista quantitativo, vestígios arqueológicos que dessem suporte material ao registro de um sítio arqueológico, seja pela baixíssima frequência com que foram evidenciados, assim como pela inexistência de estratigrafia condizente com áreas resultantes de ocupações históricas.

Apesar disso, foram executadas escavações intensivas em áreas onde foram coletados vestígios de material cultural com intuito de analisar a estratigrafia do local e registrar aspectos relacionados a dispersão dos vestígios evidenciados durante a etapa de intervenções preliminares.

Ao analisar a estratigrafia das áreas escavadas, ficou evidente que o material depositado são oriundos de uma ocupação intermitente, possivelmente de uma estrutura habitacional secundária à sede de uma fazenda, contruída com materiais efêmeros, possivelmente de barro.

Por fim, a baixíssima ocorrência de material associado a uma estratigrafia homogênea, sem marcas de ocupação intensiva apontam para um local que era ocupado por pouquíssimas pessoas de modo intermitente. Com isso consideramos que as intervenções arqueológicas realizadas neste espaço foram suficientes para obtenção de informações primária sobre a ocupação, sendo **recomendado a liberação da área** para prosseguimento das atividades do empreendimento.

7.2.3.1 - Análise dos Materiais

Foram coletados ao todo 64 fragmentos de vestígios arqueológicos durante as intervenções arqueológicas no Sítio Boa Vista II, correspondentes a categorias de Faiança Fina, Cerâmico (doméstico e material construtivo), Metal, Vidro e Grès. Dentre as categorias de material cultural coletados, 2 fragmentos cerâmicos estão associados ao ambiente doméstico, 3 fragmentos de vidro, 3 fragmentos de metal, 2 fragmentos de grès, 51 fragmentos de faiança fina, e 3 fragmentos de telha.

O material cultural coletado, encontra-se com altíssimo grau de fragmentação sendo possível obter datação média a partir dos fragmentos de faiança fina, sobretudo a partir da identificação da glazura pearlware e whiteware, que remetem ao final do século XIX e meados do XX.



Imagem 7.2.3.1-1 Fragmento cerâmico coletado no setor W32, área 2, nível 30-40.



Imagem 7.2.3.1-2 Fragmento cerâmico coletado no setor N5, área 6, nível 10-20.



Imagem 7.2.3.1-3 Fragmento de vidro coletado no setor X35, área 2, nível 10-20.



Imagem 7.2.3.1-4 Fragmento cerâmico coletado no setor N5, área 6, nível 0-10



Imagem 7.2.3.1-5 Fragmento de grès coletado no setor W32, área 2, nível 0-10.

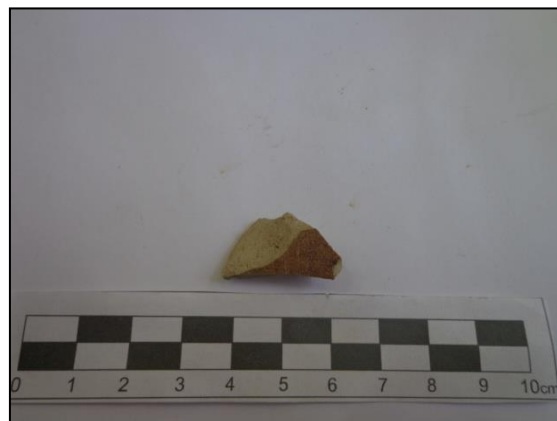


Imagem 7.2.3.1-6 Fragmento de grès coletado no setor X32, área 2, nível 20-30.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 7.2.3.1-7 Fração de ferradura coletado no setor X32, área 2, nível 40-50.



Imagem 7.2.3.1-8 Cravo metálico coletado no setor V32, área 2, nível 40-50.



Imagem 7.2.3.1-9 Fragmento de telha coletado no setor W32, área 2, nível 40-50.



Imagem 7.2.3.1-10 Fragmentos de faiança fina coletados no setor W32, área 2, nível 0-10.



Imagem 7.2.3.1-11 Fragmentos de faiança fina coletados no setor V32, área 2, nível 30-40.



Imagem 7.2.3.1-12 Fragmentos de faiança fina coletados no setor X35, área 2, nível 20-30.



Imagem 7.2.3.1-13 Fragmentos de faiança fina coletados no setor X32, área 2, nível 10-20. Destaque para presença de fragmentos com glazura pearlware.



Imagem 7.2.3.1-14 Fragmentos de faiança fina coletados no setor X32, área 2, nível 40-50.

7.3 - Resgate do Sítio Fazenda Angolinha (SFA)

Segundo informações levantadas durante a etapa de prospecção arqueológica, este sítio foi registrado em um vale estreito na margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, na propriedade da Sra. Maria José Dias de Souza (AP-022), informações orais indicaram que existia nesta área um conjunto de casas relativamente antigas (provavelmente da metade do século XIX), que já não estão mais aparentes.

Aliás, no percorrimento desta área durante a execução do Projeto de Prospecção Arqueológica, encontraram-se alinhamentos de coqueiros que são possíveis indicativos da presença de sedes de fazendas antigas. Nas intervenções arqueológicas, revelou-se uma camada do solo com sedimento mais escuro, associada à presença de carvão, e coletaram-se materiais arqueológicos característicos do século XIX.

Em virtude da memória dos moradores sobre a história local, em cruzamento com os dados arqueológicos levantados, a área foi considerada sítio arqueológico e delimitada.

7.3.1 - 1ª Etapa–Detecção de Áreas de Concentração de Material Arqueológico

A primeira atividade efetuada no Sítio Fazenda Angolinha foi a produção de mapa dividindo a poligonal do sítio em áreas de pesquisa, que posteriormente seriam subdivididas com malha alfanumérica, onde foram plotadas as intervenções preliminares. O tamanho padrão estipulado para as áreas de pesquisa foi de 36x36m, no entanto como a poligonal do sítio apresenta assimetria em relação ao padrão, algumas áreas tiveram tamanho reduzido. Foram determinadas ao todo 18 áreas de pesquisa, sendo apenas 7 com a dimensão de 36x36m e as demais com tamanho reduzido (ver mapa 01 – anexo 05).

Na primeira etapa, caracterizada como *Intervenções Preliminares*, foram realizadas intervenções, em locais previamente determinados, na forma de tradagens com intuito obter informações de cunho estratigráfico, e localizar áreas de concentração de vestígios arqueológicos associados atividades cotidianas pretéritas e/ou remanescentes estruturais de edificações. O objetivo das *Intervenções Preliminares* é de produzir subsídios para execução das escavações intensivas em ampla superfície.

Nesta primeira etapa foram executados o total de 202 intervenções em subsuperfície na forma de tradagem:

Inicialmente foram realizadas intervenções na área 14, nos pontos de tradagem localizados nos setores F'32, E23, E14, N14, N23, W23 e F'23. A profundidade média das intervenções variou entre 50 cm e 60cm, sendo o solo foi caracterizado como areno-argiloso em todas as aberturas, com registro de coloração 10YR5/4 nos pontos N23, F'23, F'32 e 10YR7/6 nos pontos N23, F'23, N14 e F14. Não houve registro de vestígios arqueológicos.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 7.3.1-1 Vista geral do vale onde está localizado o sítio arqueológico.



Imagem 7.3.1-2 Equipe executando linha das intervenções preliminares.



Imagem 7.3.1-3 Detalhe da tradagem F'23, da área 14.



Imagem 7.3.1-4 Detalhe da tradagem N23, da área 14.

Na continuidade das atividades de intervenções preliminares, foram executadas aberturas nos setores F'14, W23, F'23 e F'5 da área 8; E5, E14, E23, N23, N14, N5, W5, W14, W23, F'23, F'14, F'5 da área 11 e a E5 da área 14. As tradagens escavadas com uma profundidade média entre 50cm e 60cm, apresentando solo areno-argiloso, com a coloração 10YR5/4 no ponto W23 da área 8 e E5, F'5, F'14, F'23, W23, W14, W5, N5 e N14 da área 11.

Nos pontos N23, E23, E14 da área 11 e F'23 da área 8, foi registrada a cor 10YR5/4 nos primeiros níveis e 10YR7/6 nos últimos níveis, já nas tradagens F'5 e F'14 da área 8 e E5 da área 14, foi registrada a cor

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

10YR3/2 nos primeiros níveis e 10YR5/4 nos últimos níveis. Foi registrado material cerâmico (telha) apenas nas sondagens W23 e F¹⁴ da área 8.



Imagem 7.3.1-5 Detalhe da sondagem E5, da área 14.



Imagem 7.3.1-6 Detalhe da sondagem W14, da área 11.



Imagem 7.3.1-7 Detalhe da sondagem F⁵, da área 8.



Imagem 7.3.1-8 Detalhe da sondagem W23, da área 8.

Na área 2 foram realizadas intervenções nos setores W5, N5, N14, W14, N23 e W23; na área 1, nos setores N32, E14, N5, N14, N23, E23, W23, W32, W14, W5, F⁵ e F¹⁴; e na área 4 nos setores E5. Devido a alta compactação do solo as sondagens foram escavadas até 50 cm de profundidade.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

O solo areno-argiloso apresentou em todas as sondagens uma coloração com a cor 10YR3/2 nos primeiros níveis e 10YR5/4 nos últimos. Foram registradas ocorrências de fragmentos de cerâmica (telha) apenas nos pontos N32 da área 1 e W5 e N5 da área 2.



Imagem 7.3.1-9 Detalhe da tradagem E14, da área 1.



Imagem 7.3.1-10 Detalhe da tradagem W32, da área 1.



Imagem 7.3.1-11 Detalhe da tradagem N5, da área 2.



Imagem 7.3.1-12 Detalhe da tradagem E5, da área 4.

Na continuação das intervenções preliminares nos setores F'23 e F32 da área 1; F'5, F'14 e F'23 da área 2; W32, W23, W14, W5, E32, E23, E14, N5, N23, N32, N14 da área 4 e N14, N23, W14, W5, E23, F14, E5, W23 e N5 da área 5. As tradagens executadas atingiram profundidade média de 50cm, sendo observado solo areno-argiloso em todas as abordagens, com a coloração 10YR3/2 nos primeiros níveis e 10YR5/4 nos últimos. Não houve registros de vestígios arqueológicos.



Imagem 7.3.1-13 Detalhe da sondagem F'23, da área 1.



Imagem 7.3.1-14 Detalhe da sondagem E5, da área 5.



Imagem 7.3.1-15 Detalhe da sondagem F'14, da área 2.



Imagem 7.3.1-16 Detalhe da sondagem E23, da área 4.

Na área 7 foram realizadas intervenções nos setores W23, W32, N32, N23, N14, N5, E14, E5, E23 e E32; na área 8 foram realizadas intervenções nos setores W5, W14, N23, N14, N5, E5, E14 e E23; na área 4, nos setores F'23, F'5, F'14, F'32; e na área 5 nos setores F'23, F'14 e F'5.

Com profundidade variando entre 30cm e 50cm, as sondagens abertas apresentaram um solo areno-argiloso em todas as intervenções. A coloração variou em 10YR3/2 nos primeiros níveis e 10YR5/4 nos últimos. No ponto E14 da área 8, F'14 e F'32 da área 4, apresentaram afloramento rochosos entre os níveis 30cm e 45cm. Apenas na intervenção N14 da área 7 foi registrado a ocorrência de um fragmento de faiança fina.



Imagem 7.3.1-17 Detalhe da tradagem F'14, da área 4.



Imagem 7.3.1-18 Detalhe da tradagem F'5, da área 5.



Imagem 7.3.1-19 Detalhe da tradagem E5, da área 8.



Imagem 7.3.1-20 Detalhe da tradagem E5, da área 7.

Na última empreitada relacionada à primeira etapa do serviço, foram escavadas tradagens com profundidade média de 50 cm. Na área 13 foram realizadas intervenções nos setores E14, E5; na área 7, os setores F'32, F'23, F'14, F5, W5, W15; e na área 10 os setores F'14, F'5, W5, W14, W23, N32, N23, N14, N5, E5, E14, E23 e E32. Não houve registro de vestígio arqueológico em nenhuma das intervenções realizadas, sendo registrado solo com característica areno-argiloso, e coloração 10YR3/2 nos primeiros níveis e 10YR5/4 nos últimos.



Imagem 7.3.1-21 Detalhe da sondagem W14, da área 7.



Imagem 7.3.1-22 Detalhe da sondagem E23, da área 10.

7.3.2 - 2ª Etapa – Escavações Arqueológicas Intensivas

A partir das informações obtidas durante a execução das atividades na 1ª etapa de intervenções, foi dado início a segunda etapa das atividades relacionadas o resgate arqueológico, sendo realizadas escavações de unidades com controle estratigráfico nos pontos que foram registradas informações de ocorrência de material arqueológico (ver mapa 02 – anexo 05).

Inicialmente foram abertas áreas de escavação nos setores N32 e N33 da área 1, de forma contígua, formando uma área com 2x1m de dimensão. Nessa escavação só foi registrado ocorrência de material cerâmico (telha) no primeiro nível (0-10cm) da N32, ambas foram escavadas até o nível 3 (20-30cm) sendo observada um solo com a coloração 10YR3/2 no primeiro nível, no segundo 10YR5/4 e no último nível voltava a aparecer a 10YR3/2 em um solo areno-argiloso.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 7.3.2-1 Vista da escavação no setor N32, da área 1, no nível 20-30cm.



Imagem 7.3.2-2 Vista da escavação no setor N33, da área 1, no nível 20-30cm.

Nas intervenções realizadas nos setores N5 e M5, da área 2, com dimensão total de 2x1m, foi registrada presença de material cerâmico (telha) no primeiro nível (0-10cm) do setor N5. Com o aprofundamento das intervenções, associados a inexistência de material cultural, optou-se pela paralização das escavações aos 30cm de profundidade. A partir dessas intervenções foi possível identificar a presença de solo com característica areno-argiloso, com a coloração 10YR3/2 nos primeiros níveis (0-20cm) e 10YR5/4 no último (20-30cm).



Imagem 7.3.2-3 Vista da escavação no setor M5, da área 2, no nível 20-30cm.



Imagem 7.3.2-4 Vista da escavação no setor N5, da área 2, no nível 20-30cm.

Nas intervenções realizadas nos setores W4 e W5 da área 2, totalizaram 2x1m de dimensão. Nessa abordagem não houve nenhum registro de material arqueológico, sendo escavados 30 cm em cada unidade e registrado

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

um solo areno-argiloso com a coloração 10YR3/2 no primeiro nível (0-10cm), no segundo (10-20cm) a cor 10YR5/4 e no último (20-30cm) um novo registro da mesma coloração do nível 1.



Imagem 7.3.2-5 Vista da escavação no setor W4, da área 2, no nível 20-30cm.



Imagem 7.3.2-6 Vista da escavação no setor W5, da área 2, no nível 20-30cm.

Nos setores M14 e N14, da área 7, foi registrado no primeiro nível da unidade M14 ocorrência de um fragmento de cerâmica. A abordagem foi encerrada no nível 3 (20-30cm), com registro de um solo areno-argiloso, com a coloração 10YR3/2 no primeiro nível e nos dois últimos a cor 10YR5/4.



Imagem 7.3.2-7 Vista da escavação no setor N14, da área 7, no nível 20-30cm.

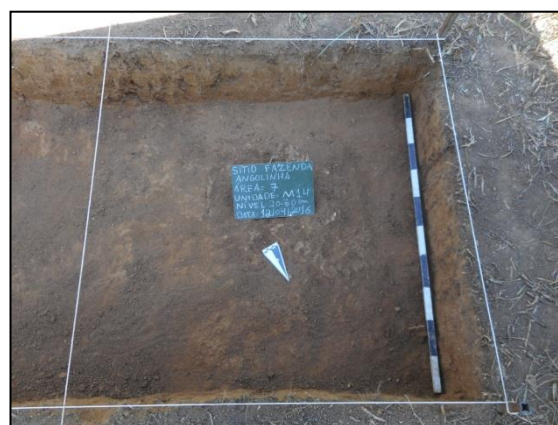


Imagem 7.3.2-8 Vista da escavação no setor M14, da área 7, no nível 20-30cm.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

Na unidade W23 da área 8, foi coletado no primeiro nível (0-10cm) fragmentos de cerâmica (telha) e ferro, os dois últimos níveis foram estéreis. O solo areno-argiloso apresentou uma coloração 10YR3/2 nos dois primeiros níveis (0-20cm) e 10YR5/4 no último (20-30cm).

Na unidade F^o14, abordada até os trinta centímetros de profundidade sem nenhum registro de vestígios arqueológicos. O solo areno-argiloso apresentou uma coloração 10YR3/2 no primeiro nível (0-10cm) e 10YR5/4 nos dois últimos (10-30cm).



Imagem 7.3.2-9 Vista da escavação no setor W23, da área 8, no nível 20-30cm.



Imagem 7.3.2-10 Vista da escavação no setor F^o14, da área 8, no nível 20-30cm.

Em seguida foram realizadas as escavações das unidades C'30 e C'31 da área 4, com o objetivo de compreender a história deposicional da área. Na unidade C'30 foram coletados vidro, louça e cerâmica (telha) entre os níveis 40cm e 50cm, e metal entre os níveis 50cm e 60cm.

Na unidade C'31 foi registrado a ocorrência de faiança e cerâmica (telha) entre os níveis 40cm e 50cm, como também louça, ferro, vidro e cerâmica (telha) entre os níveis 40-50cm e registros de louça e material ósseo entre os níveis 50cm e 60cm.

O solo da unidade C'30 apresentou uma coloração 10YR3/2 no primeiro nível (0-10cm), entre 10-20cm foi observada a cor 10YR7/3; entre 20-30cm, 10YR7/6; entre os níveis 30-40cm, 10YR5/2; entre os níveis 40-60cm apresentou a cor 10YR5/4 e no último nível escavado (90-100cm), foi observado a cor 10YR6/8. Quase todas as camadas de cores demonstradas apresentaram um solo areno-argiloso, exceto na cor 10YR7/3, que foi observado um solo arenoso.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

O solo da unidade C'31 apresentou uma coloração 10YR3/2 entre os níveis 0-10cm e entre os níveis 30-50cm; entre 10-20cm, a cor 10YR5/4; entre 20-30cm 10YR6/7; entre 60-90cm, 10YR5/2 e entre 90-100cm, 10YR6/8. Em relação a textura do solo somente na camada de cor 10YR6/7 apresentou um solo arenoso, o restante foi registrado o areno-argiloso.



Imagem 7.3.2-11 Vista da escavação nos setores C'30 e C'31, no nível 30-40cm.



Imagem 7.3.2-12 Vista da escavação nos setores C'30 e C'31, no nível 90-100cm.



Imagem 7.3.2-13 Vista do perfil sudeste do setor C'31, no nível 90-100cm.



Imagem 7.3.2-14 Vista do perfil sudeste do setor C'30, no nível 90-100cm.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

Concluindo as atividades do Sítio Fazenda Angolinha, foram escavadas as unidades Z32 e Z33 da área 4 (dimensão 2x1). Na unidade Z32 foram coletados poucos fragmentos de vidro, cerâmica (telha) e ferro entre os níveis 50cm e 60cm. Na unidade Z33, foram coletados fragmentos de telha, faiança fina, vidro e grés.

O solo da unidade Z33 apresentou uma textura areno-argiloso, com a coloração 10YR3/2 no primeiro nível de (0-10cm), e entre os níveis 30-50cm; entre os níveis 10-30cm, 10YR5/4 e 10YR5/2 entre os níveis 50cm e 80cm. Na Z32, o solo apresentou uma coloração 10YR3/2 no primeiro nível e entre os níveis 40-60cm; apresentou também as cores 10YR7/3 entre os níveis 10-20cm; 10YR5/4 entre 20-40cm e 10YR5/2 entre os níveis 60-80cm.

Ambas as unidades estavam à dois metros das unidades C'30 e C'31, as quatro apresentaram um perfil estratigráfico semelhante, decorrente dos diferentes fatores de deposições sedimentares. O objetivo geral nas abordagens dessas unidades, foi de entender a dispersão do material arqueológico.



Imagem 7.3.2-15 Vista da escavação do setor Z32, no nível 70-80cm.



Imagem 7.3.2-16 Vista da escavação do setor Z33, no nível 70-80cm.



Imagem 7.3.2-17 Vista do perfil escavação dos setores Z32 e Z33, no nível 70-80cm.

7.3.3 - Resultados

As intervenções arqueológicas realizadas no Sítio Fazenda Angolinha foram divididas em duas etapas cujos objetivos eram, inicialmente, localizar áreas com concentração de material cultural, seguido pela obtenção de informações consistentes a partir de escavações em superfícies amplas.

O registro desse sítio arqueológico foi realizado a partir da ocorrência de material cultural associada ao relato de antigo morador da região sobre a existência da “Fazenda Angolinha”. Vale ressaltar que as evidências materiais que deram suporte ao registro do sítio, foram coletadas em baixa proporção, e sem definição estratigráfica consistente. Desse modo, nesta etapa de trabalho, a criação de uma malha arqueológica estreita para detecção de concentração de material arqueológico, com intervalo regular de 8m entre as intervenções, tinha o objetivo de ter um resultado amostral extremamente detalhado sobre toda poligonal do sítio, o que daria suporte para a execução de intervenções de maior amplitude.

Do ponto de vista paisagístico, a área onde este sítio foi demarcada não apresenta as características fundamentais para o estabelecimento de uma sede de propriedade rural, onde o princípio básico é “ver e ser visto”, dentro de uma estratégia de controle e exercício de poder. Todavia, este sítio está localizado em um vale estreito com grande declividade e baixa visibilidade do entorno, fatores compatível com o estabelecimento de uma unidade auxiliar dentro de uma propriedade rural.

Tendo como estes princípios norteadores da pesquisa foram realizadas as intervenções preliminares em toda extensão do sítio e com breve intervalo entre os pontos e escavação. Apartir das atividades preliminares foram abertas unidades de escavação em locais que apresentavam maior potencial, todavia não foram observados, do ponto de vista quantitativo, vestígios arqueológicos que dessem suporte material ao registro de um sítio arqueológico, seja pela baixíssima frequência com que foram evidenciados, assim como pela inexistência de estratigrafia condizente com áreas resultantes de ocupações históricas.

Ao analisar a estratigrafia das áreas escavadas, ficou evidente que o material depositado são oriundos de uma ocupação intermitente, possivelmente de uma estrutura habitacional secundária à sede de uma fazenda, contruída com materiais efêmeros, possivelmente de barro. Também foi possível observar na estratigrafia o registro de processo natural de entulhamento do vale, pelo desgaste das encostas e deposição na parte mais baixa.

Por fim, a baixíssima ocorrência de material associado a uma estratigrafia, sem marcas de ocupação intensiva apontam para um local que era ocupado por pouquíssimas pessoas de modo intermitente. Com isso consideramos que as intervenções arqueológicas realizadas neste espaço foram suficientes para obtenção de informações primária sobre a ocupação, sendo **recomendado a liberação da área** para prosseguimento das atividades do empreendimento.

7.3.3.1 - Análise dos Materiais

Foram coletados ao todo 86 fragmentos de vestígios arqueológicos durante as intervenções arqueológicas no Sítio Fazenda Angolinha, correspondentes a categorias de Faiança Fina, Cerâmico (doméstico e material construtivo), Metal, Vidro, Grès e ósseo. Dentre as categorias de material cultural coletados, 11 fragmentos correspondiam a categoria das faianças finas; 3 fragmentos relacionados aos materiais cerâmicos de uso doméstico e 43 associados aos processos construtivos (fragmentos de telha); 8 fragmentos ao grupo dos metais; 19 fragmentos da categoria dos vidros; 1 fragmento de grès; e 1 fragmento ósseo.

No conjunto dos vestígios arqueológicos coletados, destacamos a presença de 2 fragmento de faiança fina no padrão borrão azul e 3 fragmentos de faiança fina do padrão trigal, por meio dos quais foi possível estabelecer um balizamento cronológico que segue da segunda metade do século XIX até primeiro quarto do século XX.

Também destacamos a presença de fragmento ósseo de animal de grande porte, possivelmente bovino, nesta coleção, sendo associado a práticas alimentares das pessoas que ocuparam este espaço.



Imagem 7.3.3.1-1 Fragmentos ósseo coletados no setor C'31, da área 4, nível 50-60.



Imagem 7.3.3.1-2 Fragmentos de telha coletados no setor W23, da área 8, nível 20-30.



Imagem 7.3.3.1-3 Fragmentos de telha coletados no setor C'31, área 4, nível 30-40.



Imagem 7.3.3.1-4 Fragmentos de vidro coletados no setor Z32, área 4, nível 50-60.



Imagem 7.3.3.1-5 Fragmentos de vidro coletados no setor Z33, área 4, nível 50-60.

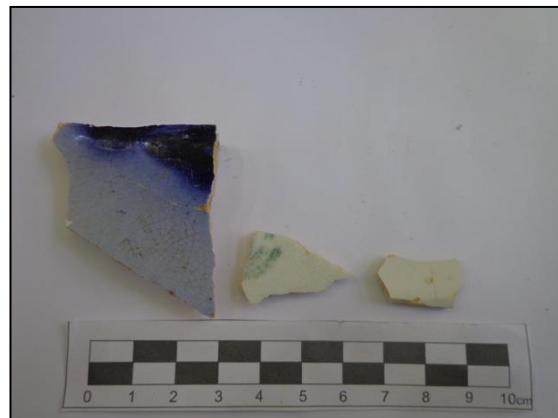


Imagem 7.3.3.1-6 Fragmentos de faiança fina coletados no setor C'31, área 4, nível 40-50. Destaque para presença do padrão borrão azul.



Imagem 7.3.3.1-7 Fragmentos de faiança fina coletados no setor Z33, área 4, nível 40-50. Destaque para presença do padrão trigal.

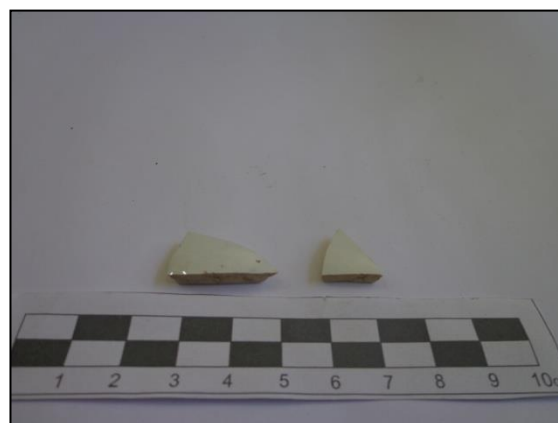


Imagem 7.3.3.1-8 Fragmentos de faiança fina coletados no setor C'31, área 4, nível 50-60.



Imagem 7.3.3.1-9 Fragmentos de grès coletado no setor Z32, área 4, nível 40-50.



Imagem 7.3.3.1-10 Fragmentos de cerâmica coletados no setor Z33, área 4, nível 40-50.



Imagem 7.3.3.1-11 Peças metálicas coletadas no setor Z32, área 4, nível 50-60.



Imagem 7.3.3.1-12 Peças metálicas coletadas no setor W23, área 8, nível 0-10.

8. Áreas de Interesse Cultural

As Áreas de Interesse Cultural (AIC) foram registradas durante a etapa de levantamento prospectivo, tendo como base o relato de antigos moradores da região que apontaram a existência de antigas estruturas que estariam relacionadas a dinâmica social da localidade em um período mais recente do século XX.

Ao estabelecermos uma correlação entre as AIC's analisadas e o processo histórico ocorrido na região a partir da segunda metade do século XX, conforme apresentado no item *Contextualização Etno-Histórica e Histórica*, marcado pelo parcelamento das propriedades rurais e intensificação da agricultura familiar é possível situar as AIC's.

Nesta etapa da pesquisa não foram localizados os antigos moradores que apontaram estes locais como relevantes dentro do contexto micro regional, todavia fora realizado levantamento sistemático de superfície e levantamento arquitetônico onde existia área edificada.

8.1. Área de Interesse Cultural 1

Esta área foi indicada a partir de informação oral, apontando a existência de uma antiga edificação de uso comercial, popularmente denominada de “venda”, sendo encontrados neste local restos de reboco e fragmentos de telha.

A Área de Interesse Cultural 1 está situada em um ambiente com vegetação rasteira (gramíneas), que dificultou a visibilidade do terreno, apresenta um contexto geomorfológico de baixa verticalidade, sendo uma região aplainada.

Na porção Sudoeste, na área mais baixa do terreno, encontra-se a área de alagamento do local. Há mais ou menos 200m Sudeste se encontra a residência mais próxima do local, outras três residências encontram-se mais distantes, a mais ou menos uns 300m. A estrada que dá acesso as residências da região, corta as porções Noroeste, Oeste e Sudoeste da área.

No corte da estrada de acesso identificamos ocorrência de poucos fragmentos de telha, estavam expostos no perfil Sudeste da estrada, com as coordenadas 32k 0796458 / UTM 7599070.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 8.1-1 Equipe realizando levantamento em linha.



Imagem 8.1-2 Equipe realizando levantamento em linha.



Imagem 8.1-3 Equipe realizando levantamento em área de corte da estrada.



Imagem 8.1-4 Detalhe de fragmento de telha localizado no perfil do corte da estrada.

8.2. Área de Interesse Cultural 4

Consiste em um curral, instalado na propriedade n.AP-002, da Sra. Cléa Dias. Esta estrutura possui piso de pedras, cobertura de telhas canal e na sua construção, provavelmente forma aproveitados esteios de outras estruturas antigas, o que segundo a informação dos moradores e pela observação das características das edificações desta região, representa um costume local, de reutilização dos materiais de casas antigas. No interior do curral foi encontrada uma trempe. Segundo os moradores

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

ainda, estes currais são utilizados atualmente para o armazenamento e encaixotamento de produtos agrícolas, como quiabo, aipim etc.

A Área de Interesse Cultural 4 se encontra em um ambiente com vegetação arbustiva, apresenta um contexto geomorfológico de baixa verticalidade, região aplainada com relevo suave.

A estrada de acesso as propriedades do local corta a porção Nordeste da área, dividindo em duas partes, onde na porção Nordeste, na área mais elevada, está localizado o curral do local.

O curral está localizado na coordenada 23K 0795890 / 7598584, do lado do curral na coordenada 23K 0795888 / UTM 7598579 identificamos um fragmento de vidro.

Dada importância desde curral, no contexto do registro desta Área de Interesse Cultural, foi realizado detalhado levantamento arquitetônico da estrutura tendo em vista seu péssimo estado de conservação e eminente risco de desabamento (ver anexo 06 – levantamento arquitetônico).

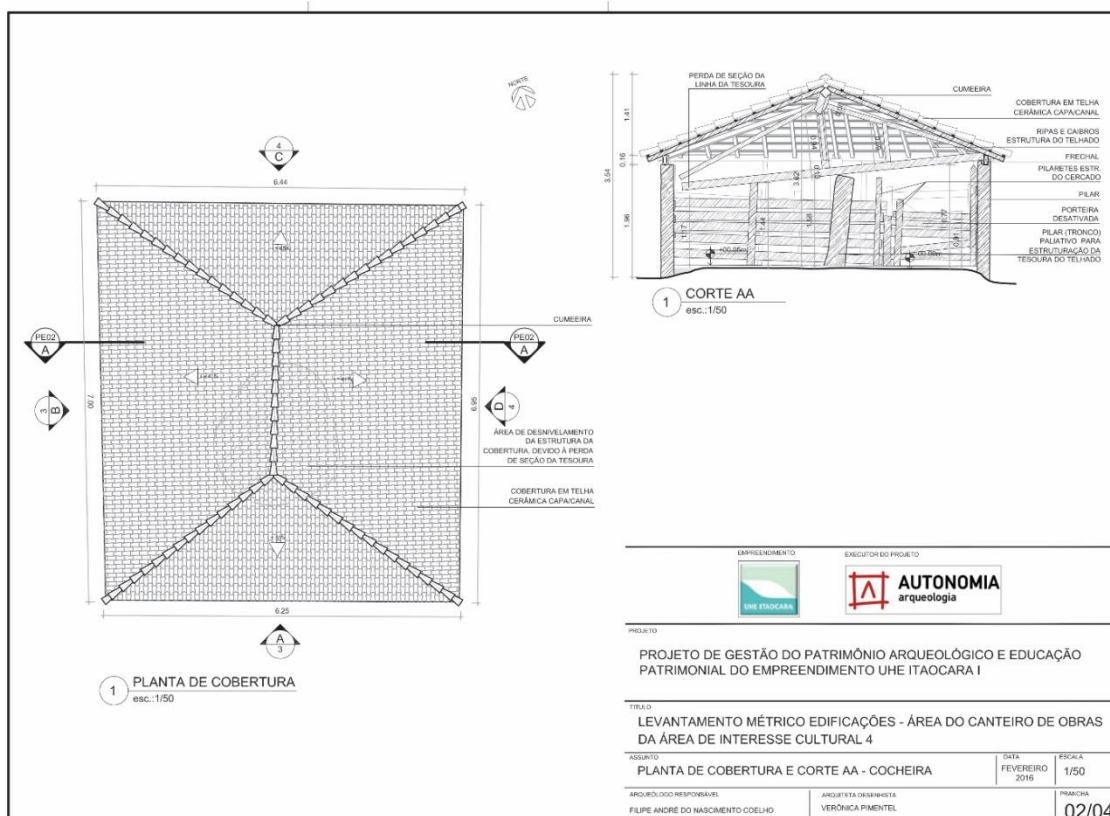


Imagem 8.2-1 Planta de corte e cobertura do curral.



Imagem 8.2-2 Equipe realizando levantamento fotográfico da área.



Imagem 8.2-3 Fragmento de vidro evidenciado em superfície.

8.3. Área de Interesse Cultural 5

Esta área foi registrada a partir do relato de morador sobre a existência de uma construção de pau-a-pique e um poço, associado a ocorrência de material cultural do final do século XIX e início do século XX.

A Área de Interesse Cultural 5, está localizada em uma área com contexto geomorfológico de baixa verticalidade, região aplainada com vegetação rasteira (gramíneas). Na porção sudoeste da área de observação há presença de um pequeno braço do rio Paraíba do Sul, e na porção nordeste está situada a estrada que dá acesso as residências do local.

Apenas nas coordenadas 23K 0795805 / 7598099 identificamos ocorrência de fragmentos de vidro, telha, louça e ferro. Todos os materiais estavam acumulados em um mesmo ponto, sobre um tronco de madeira.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 8.3-1 Equipe em levantamento de superfície sistemático.



Imagem 8.3-2 Corpo d'água contendo a AIC (Rio Paraíba do Sul).



Imagem 8.3-3 Fragmentos de material cultural dispersos junto à tronco de árvore.



Imagem 8.3-4 Fragmento de gargalo com rosca, característico do início do século XX.

9. Educação Patrimonial

9.1. Apresentação

As atividades de Educação Patrimonial também se incluem neste Programa de Gestão como forma de promover o primeiro contato entre as pesquisas e a comunidade local residente nas áreas contíguas ao empreendimento. Tal ação visa divulgar a importância da preservação dos bens culturais locais, assim como também apresentar os bens patrimoniais materiais que compõem o contexto etno-histórico da região.

A educação é um dos campos fundamentais da produção e reprodução da vida social e, por isso, um valor universal e incontestável. Além disso, o aprimoramento contemporâneo dos métodos e técnicas pedagógicas tem mostrado que a educação pode ser uma das principais ferramentas para a geração de liberdade e autonomia, desde que conjugue a mediação e o estímulo ao crescimento individual, com a promoção de atividades ao mesmo tempo reflexivas, críticas e compreensivas de questões do passado e do presente das sociedades, dentro de um programa de mobilização de recursos coletivos e institucionais e com o objetivo de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

A Educação Patrimonial, por sua vez, é um campo transdisciplinar e que cumpre um papel social bastante específico: o de mediar e estimular o conhecimento sobre questões históricas e culturais dentro de atividades ligadas à preservação de bens de valor especial, enquadrados na categoria de Patrimônio Cultural.

Os critérios para a definição de determinados bens como Patrimônios Culturais têm se modificado bastante ao longo dos últimos anos. De acordo com tendências mais recentes, abandonam-se as propostas que privilegiam os bens culturais de valor excepcional (de apenas um período histórico, apenas com um determinado estilo ou apenas respectivo a uma classe ou grupo social), mas, sim, envolvendo os bens culturais de todas as épocas (inclusive os atuais, quando se fala de Patrimônio Vivo ou Patrimônio Imaterial), os mais diversos estilos e de múltiplas origens sociais (principalmente os relacionados à população comum e às classes trabalhadoras, que têm menor disposição e regularidade de recursos para a mobilização de atividades de preservação de seu patrimônio cultural).

Além disso, no momento atual a atribuição de patrimônio cultural a conjuntos urbanos ou à paisagem ao redor de determinadas localidades ou regiões tem aparecido com bastante força,

rompendo com conceitos mais antigos de valorização de uma determinada edificação ou de um conjunto de materiais isoladamente.

Uma parte substancial da preservação do Patrimônio Cultural depende de atividades científicas especializadas, dedicadas à caracterização minuciosa, registro, resgate, restauração, conservação e divulgação do respectivo bem cultural. Essas atividades são compostas, portanto, pela atuação, interdisciplinar ou multidisciplinar, de campos como a arqueologia, arquitetura, antropologia, história, meio ambiente, biologia, museologia, arquivologia, geografia, biblioteconomia, etc.

Contudo, apesar da necessidade objetiva de aplicação destas especialidades, a preservação do patrimônio cultural deve ocorrer paralelamente à apreciação pública, isto é, balizar-se democraticamente nos interesses sociais preexistentes e nos interesses sociais gerados no decorrer da atuação destas atividades, sendo a Educação Patrimonial o espaço ideal para o exercício deste diálogo.

No Brasil, o órgão governamental dedicado ao Patrimônio Cultural, em âmbito federal, é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nas últimas décadas este órgão tem sido o principal apoiador e representante das propostas mais adequadas para o exercício das atividades de preservação patrimonial e o principal fiscalizador das ocorrências de crime contra o patrimônio, principalmente no que diz respeito às atividades científicas e aos bens arqueológicos.

Atualmente, uma das principais atividades estimuladas (e exigidas nos contextos de realização de empreendimentos de engenharia) por este órgão é justamente a promoção da Educação Patrimonial.

Neste sentido, o Projeto de Salvamento e Monitoramento do Patrimônio Arqueológico da área de implantação da Área do Canteiro de Obras – UHE Itaocara I, prevê, em paralelo, atividades de Educação Patrimonial direcionados à alunos, professores, gestores de instituições de educação, profissionais que atuam no campo da cultura e da ação comunitária e demais interessados no tema da preservação do patrimônio cultural, além dos trabalhadores diretamente envolvidos com a construção dos empreendimentos.

9.2. Justificativa

Cada vez mais se exige dos educadores brasileiros que trabalhem com conteúdo sobre cultura regional, diversidade cultural e suas transposições didáticas conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nos Temas Transversais da Educação (TTE).

Portanto, como a legislação atual que regula o licenciamento ambiental não reconhece o cumprimento da realização de Programas de Educação Patrimonial pelos empreendimentos, encarando como sendo meramente para minimizar ou compensar os impactos acarretados pelo empreendimento, estes programas vêm auxiliar no suprimento das necessidades do ensino regular com a realização de debates transversais e interdisciplinares, no enriquecimento dos conteúdos programáticos ou de atividades complementares, de extensão ou extracurriculares das instituições de ensino, conforme previsto na LDB, PCN e TTE, aplicado especificamente nas áreas sob influência do empreendimento.

Vale lembrar ainda que a Constituição de 1988, Art. 225, alínea VI, instituiu um amplo programa de conscientização pública sobre a necessidade de preservação do meio ambiente, principalmente em instituições públicas de ensino, em todos os níveis. Posteriormente, foi aprovada a Lei Federal nº 9.795 de 27 de abril de 1999 (regulamentada pelo Decreto Federal nº 4.281, de 25 de Junho de 2002), que dispôs sobre a educação ambiental, instituindo a Política Nacional de Educação Ambiental.

Embora a legislação vigente não mencione nominalmente a Educação Patrimonial em seu texto, elas apontam claramente para uma concepção de meio ambiente em sua totalidade, o que inclui então a preservação do patrimônio cultural.

Em 1999, profissionais do IPHAN definiram alguns princípios para a promoção de projetos de Educação Patrimonial, caracterizando esta atividade como um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo.

A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

Além disso, recentemente, o crescente debate público sobre a preservação do patrimônio cultural resultou na criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em 2009, buscando a maior articulação entre as entidades da sociedade civil, o IPHAN e o Ministério da Educação para a definição de parâmetros de atuação do âmbito da Educação Patrimonial.

Em setembro de 2005, realizou-se o I Encontro Nacional de Educação Patrimonial (I ENEP) e, com a realização do II ENEP em julho de 2011, ganhou bastante força a estruturação de um Programa Nacional de Educação Patrimonial. Além disto, no II ENEP conquistou-se a inserção de atividades de Educação Patrimonial no Macrocampo da Cultura e Artes do Programa Mais Educação do Ministério da Educação, que são um paliativo até que se institua o Programa Nacional de Educação Patrimonial.

Por fim, como a maioria dos trabalhos de preservação de bens arqueológicos realizados no Brasil resgata e estuda a cultura material de sociedades indígenas e/ou afrodescendentes, os trabalhos de Educação Patrimonial sobre os patrimônios culturais destas origens podem contribuir enormemente para o enriquecimento dos conteúdos exigidos em legislações específicas do âmbito educacional, tais como:

- Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Conselho Nacional de Educação (CNE), que instituiu as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, a serem observadas pelas instituições, em todos os níveis de ensino, em especial, por instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores.
- Lei Federal nº 11.645, de 10 de março de 2008, que alterou a Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB).
- Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e a Resolução CP/CNE nº 1 de 17 de junho de 2004, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

9.3. Objetivos

O Guia Básico de Educação Patrimonial do IPHAN (1999) orienta que a Educação Patrimonial deve consistir em mais do que uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões ligadas

ao patrimônio cultural, e sim, deve servir de veículo para provocar no educando sentimentos de surpresa e curiosidade, com o objetivo de despertar a vontade de conhecer cada vez mais o meio ambiente e o patrimônio cultural regional e global; de intervir em prol da preservação desses patrimônios; de refletir sobre a sua própria realidade individual e coletiva, na resolução de problemas sociais (como moradia, saneamento, abastecimento de água, etc.); e, enfim, de tornar-se um multiplicador dos conteúdos adquiridos, métodos de análise e ações sociais.

Dentro destes objetivos, o Guia Básico de Educação Patrimonial e obras posteriores do IPHAN (como o Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial, de 2007) orientam que as atividades a serem desenvolvidas podem se dividir em quatro etapas (que se espelham nas etapas do processo institucional de avaliação e consagração dos patrimônios culturais realizados atualmente):

- **Observação:** utilização de exercícios de percepção sensorial (visão, tato, olfato, paladar e audição) por meio de perguntas, experimentações, provas, medições, jogos de adivinhação e descoberta (detetive), etc., de forma que se explore, ao máximo, o bem cultural ou tema observado.
- **Registro:** exercícios com desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, por meio dos quais se busca fixar o conhecimento percebido, aprofundando a observação e o pensamento lógico e intuitivo.
- **Exploração:** exercícios de análise do bem cultural com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares (como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais, revistas, entrevistas com familiares e pessoas da comunidade), desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados.
- **Apropriação:** exercícios de recriação do bem cultural, através de releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão (pintura, escultura, teatro, dança, música, fotografia, poesia, textos, filmes, vídeos, etc.), provocando, nos participantes, uma atuação criativa e valorizando assim o bem trabalhado.

Os resultados da aplicação desta metodologia desenvolvem atividades que levam os participantes à reflexão, descoberta e atitude favorável a respeito da importância e valorização do nosso Patrimônio Cultural. Sua aplicação é bastante útil e deve ser mantida como base inicial para a realização das atividades.

Porém, pesquisas atuais e reflexões sobre ações práticas realizadas no Brasil (também no campo das artes, onde têm alcançado maior profundidade) mostram que a introdução do método conhecido como mediação (ou mediação da informação), previamente e ao longo da execução destas etapas, é extremamente necessária para o melhor cumprimento dos objetivos propostos inicialmente.

A mediação pretende, em primeiro lugar, ir além da simples transferência de conteúdo, disseminação de informação ou distribuição da informação, buscando uma interferência, direta ou indireta; consciente ou sensorial; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de cada informação em questão.

Para isso, este método propõe que as atividades devam operar sob a forma de: encontro, através da experiência de troca entre o educador e o educando; ampliação de conhecimento, com a construção compartilhada de significados, reconstrução, interpretação e associação; ir ao encontro dos interesses do outro, partindo-se de interesses individuais do educando; conectar conteúdos e interesses, com a escolha de uma melhor didática respeitando os interesses particulares; diálogo e conversação, através da abertura de espaço para o questionamento e a contraposição; compartilhamento, com o estímulo à expressão de opiniões para a superação coletiva dos questionamentos e contraposições; provocação, com o levantamento de dúvidas e questionamentos diante de determinadas certezas e absolutismos; e estar entre, pela colaboração com as decisões tomadas coletivamente.

Neste sentido, ao invés de introduzir perguntas prontas, induzindo a que sejam respondidas pelos participantes das atividades, a ideia é de construir perguntas e tentar respondê-las (ou não) conjuntamente com o público.

Na prática, a Educação Patrimonial com este viés, propõe que o papel do educador/mediador seja o de:

- Iniciar as atividades, explicando ao público envolvido o projeto inicial – os objetivos, métodos e as etapas a serem seguidos, que estão descritos acima.
- Avaliar os interesses, a participação, as opiniões, as dúvidas, o compartilhamento e as decisões para a continuidade ou modificação do projeto predefinido.
- No caso da aceitação do projeto, iniciar com questionamentos, e depois estabelecer os mesmos procedimentos dos pontos anteriores, no início de cada etapa.

- Ao final, fazer um balanço geral das atividades, registrando críticas e sugestões para as próximas atividades com o mesmo público ou com o próximo público envolvido.

9.4. Metodologia

A definição conceitual de patrimônio cultural engloba uma diversidade de elementos que caracterizam uma determinada sociedade, reunindo aspectos de suas tradições, *habitus* (BOURDIEU, 2003), estilos de vida ou *modus vivendi* (BOURDIEU, 1983b; AMARAL, 1992) e conhecimentos técnicos, que se encontram refletidos na sua cultura material e imaterial e na interligação entre estas e o meio em que estão inseridas.

Tal interligação tornar-se possível através do resgate de aspectos da identidade regional, onde se busca retratar as principais raízes culturais tanto históricas, quanto pré-históricas da área em questão, mediante as diversas formas de pesquisa, as quais caracterizam e definem os aspectos históricos e culturais locais a serem preservados, tanto no que se refere à cultura material quanto à imaterial.

Para tanto, cabe descrever o conceito do que venha a ser cultura e, posteriormente, esclarecer a conceito de cultura imaterial a ser utilizado.

De acordo com a Antropologia, o conceito de cultura é concebido por Edward Burnett Tylor em 1871, como sendo “o todo etnográfico e complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma dada sociedade” (1924).

Já em relação à cultura imaterial, o conceito mais adequado a ser utilizado refere-se ao difundido por Diegues, uma vez que “são padrões de comportamento transmitidos socialmente, modelos mentais usados para perceber, relatar e interpretar o mundo, símbolos e significados socialmente compartilhados, além de seus produtos materiais, próprios do modo de produção mercantil” (1994).

O conceito de *habitus* pode ser usado para explicar a maneira pela qual as classificações étnicas subjetivas são baseadas nas condições sociais, caracterizando domínios sociais particulares.

A etnicidade não é um reflexo passivo de similaridades e diferenças nas práticas culturais e condições estruturais nas quais os agentes são socializados. Também não é a etnicidade

inteiramente constituída no processo de interação social por meio do qual as características culturais epifenomenais são manipuladas na busca por interesses econômicos e políticos. Antes, pode ser argumentado que a construção da identidade étnica é baseada nas disposições subliminares compartilhadas do *habitus* que formam e são formadas por um conjunto de práticas.

Um *habitus* compartilhado gera sentimentos de identificação entre pessoas particularmente dotadas. Aqueles sentimentos são conscientemente apropriados e dão forma por meio de recursos simbólicos existentes (BENTLEY, 1987).

Além disso, esses recursos simbólicos, tais como língua, cultura material, crença e assim por diante, não são arbitrários. As práticas culturais e crenças que se tornam concretizadas como símbolos de etnicidade são derivadas das práticas habituais e ressonam com estas e também com as experiências pessoais, além de refletir as condições imediatas e os interesses que caracterizam situações particulares.

A forma que as expressões das diferenças culturais tomam é constituída pela interseção do *habitus* dos povos com as condições sociais, constituindo um contexto histórico particular. Essas condições incluem os modos predominantes de dominação e a relativa distribuição dos meios materiais e simbólicos necessários para a imposição dos regimes dominantes de categorização étnica. As categorias étnicas são baseadas em uma consciente reificação das práticas culturais transitórias, tendo lugar em diferentes contextos espaciais e temporais, e o grupo somente existe no contexto da interpretação que justifica e explica as práticas do passado e os modos de interação e informa o futuro. Em contraste, a práxis da etnicidade resulta em múltiplas realizações transitórias da diferença étnica em contextos particulares. Essas realizações práticas da etnicidade em muitos exemplos envolvem a produção e consumo de distintos estilos de cultura material. Mas elas são um produto da interseção de disposições perceptivas e práticas do povo envolvido e os interesses e oposições produzidos em um contexto social particular, em vez de categorias abstratas da diferença.

Através do *habitus*, o passado sobrevive no momento atual e tende a subsidiar nas ações futuras dos agentes sociais, num processo denominado de “interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 2003). O *habitus* é também reflexo da posição social ocupada pelo indivíduo, a partir dos seus símbolos, crenças, gostos, preferências que a caracterizam, de forma consciente ou não, tornando-se parte da natureza do próprio indivíduo, uma vez que é adquirido no momento histórico em que este vive.

Habitus é uma noção que auxilia no pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como

uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem escolhas, que possibilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo (SETTON, 2002).

Para Bourdieu (1983a), o *habitus* pode ser comparado à noção de cultura, já que esta é um conjunto de esquemas fundamentais precisamente assimilados, a partir dos quais se engendram uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares, sendo um princípio de correspondência entre práticas individuais e condições sociais de existência. Assim, o conceito de *habitus* tem como apoio a propriedade da inventividade e criatividade frente a novos condicionamentos impostos extrínseca e intrinsecamente.

Já estilo de vida ou *modus vivendi* é a forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas vivenciam o mundo e, em consequência, se comportam e fazem escolhas. O que define os elementos que compõem o conjunto simbólico a que se chama de estilo de vida é, basicamente, sua distância - dos elementos - em relação às necessidades básicas dos indivíduos ou grupos (BOURDIEU, 1983b).

As chamadas "necessidades básicas" são aquelas que determinam, minimamente, a sobrevivência dos homens enquanto seres vivos: comida, abrigo, etc. No entanto, se comer é uma necessidade, o modo como se come, a escolha que se faz entre os diferentes tipos de comida ou, ainda, o uso de talheres e a opção que se faz entre diferentes tipos e materiais destes são indicadores de valores que constituem estratégias de distinção no meio social, ou seja, valores culturais. Neste sentido, os elementos que preenchem os critérios de livre escolha, como os estéticos, artísticos, religiosos e outros, passam a ser significativos para a definição do estilo de vida de um dado grupo.

Para Bourdieu (1983b), as diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência.

A práxis e a propriedade de bens (materiais e imateriais) constituem uma expressão reiterada das condições de existência (estilo de vida ou *modus vivendi*) porque são a própria expressão do mesmo fator prático operante, o *habitus*, e que é um sistema de disposições duráveis, porém flexíveis, que expressa, sob a forma de preferências recorrentes ou sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é resultado. Assim, a correspondência que pode ser observada entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida é resultado do fato de que condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis que engendram, por sua vez, segundo sua lógica específica, práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular, mas sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são o produto e às quais elas estão objetivamente adaptadas (BOURDIEU, 1983a: 83).

Tendo como premissa os princípios apresentados anteriormente, foram executadas atividades educacionais com formatação de Exposição, para ocorrer subsequentemente ao Projeto de Salvamento Arqueológico dos sítios arqueológicos da área de implantação do canteiro de obras do empreendimento.

O público-alvo das atividades de Educação Patrimonial foram os alunos, professores, gestores de instituições de educação, profissionais que atuam no campo da cultura e da ação comunitária, e demais interessados no tema da preservação do patrimônio cultural dos municípios de Aperibé-RJ e Itaocara-RJ.

Para atração do público ao espaço de exposições foram previstas ações de divulgação prévia junto aos moradores, escolas e instituições comunitárias e às secretarias de Cultura e Educação do Município de Aperibé-RJ e Itaocara-RJ.

O Espaço de Exposições foi composto por uma série de vitrines com materiais arqueológicos, abrangendo a variedade de materiais geralmente pesquisados pela Arqueologia Brasileira; uma série de *banners* explicativos sobre as teorias de ocupação da América, sobre os diversos subcampos da Arqueologia, os procedimentos de campo e os resultados das escavações dos sítios da área do empreendimento; e caixas interativas de simulação de escavação.

Tanto para o público espontâneo quanto para o público agendado foram entregues ao final das visitas, cartilhas com uma síntese do conteúdo da exposição.

Os educadores responsáveis pela recepção do público espontâneo ou agendado fizeram sugestões dos trajetos possíveis de circulação pelo Espaço de Exposição, tentando solucionar dúvidas ou indicar possíveis fontes de informação especializada e orientarão as atividades de simulação de escavação arqueológica.

O acompanhamento e avaliação das atividades foi constituído por:

- Registro fotográfico e filmagem do processo de diálogo e transmissão dos conteúdos programados das atividades realizadas – recepção do público espontâneo, recepção do público geral e palestras;
- Exposição e avaliação conjunta de alguns destes registros durante as atividades intensivas realizadas com profissionais e voluntários interessados no debate sobre o patrimônio cultural.

- Avaliação geral das metas e objetivos estabelecidos e os resultados alcançados com a produção de um relatório final.

Os produtos finais são:

- Avaliação do nível de interesse por parte da população participante das atividades na valorização e apropriação do patrimônio arqueológico encontrado no Município de Aperibé-RJ e Itaocara-RJ.
- Relatório final com apreciação sobre o cumprimento dos objetivos estabelecidos, dificuldades, equívocos, resistências e o resultado, com os depoimentos dos participantes, das demandas e dos interesses.

9.5. Execução da Atividade de Educação Patrimonial

A partir de proposta preconcebida, a equipe de educadores da empresa Autonomia Arqueologia realizou a montagem de uma Exposição de Educação Patrimonial em dois locais, de modo sucessivo, sendo o primeiro em um salão do escritório da empresa UHE Itaocara S.A no município de Itaocara-RJ, e no Centro de Convenções do Município de Aperibé. Nesses mesmos locais foram realizados os agendamentos das atividades de mediação do Patrimônio Cultural com escolas municipais de Aperibé-RJ e Itaocara-RJ, assim como com os trabalhadores da UHE Itaocara (funcionários de meio ambiente, comunicação, segurança e engenheiros).

A UHE Itaocara S.A cedeu o referido salão, contando com um espaço amplo e instalações adequadas, e, em parceria com a Prefeitura de Aperibé-RJ, esteve disponível também um espaço amplo, com instalações adequadas e de fácil acesso ao público, o que contribuiu enormemente para realização das dinâmicas preconcebidas e o conforto dos visitantes.

Nas atividades educacionais foram dispostos os seguintes recursos:

- 1) Informações (textos e imagens) em banners sobre o Patrimônio Cultural em geral e a ciência Arqueológica e suas principais vertentes no Brasil;

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

- 2) Expositores em formato de quadrículas de escavação, com mostras dos tipos de materiais encontrados em pesquisas arqueológicas;
- 3) Expositor para experiência tátil – com livro em braile e de testes táteis para público especial e artefato integral para simulação de contato com material arqueológico;
- 4) Espaço de exibição de imagens e textos (em *Data Show*) sobre os diferentes procedimentos aplicados nas pesquisas arqueológicas realizadas nos sítios existentes na área do Canteiro de obras da UHE Itaocara I, em Aperibé-RJ;
- 5) Espaço de Ideias do Patrimônio Cultural, para a construção de Varal com desenhos do patrimônio local e/ou simulação de atividade registro destes patrimônios;
- 6) Espaço com exibição do mapa geral da UHE Itaocara I, com todos os sítios encontrados na fase de Prospecção Arqueológica (com destaque aos sítios resgatados na fase atual de pesquisa, na área do Canteiro da UHE);
- 7) Bancada com folders e cartilhas para distribuição;

Para a realização dos agendamentos ocorreram os primeiros contatos e a coletas de dados e informações juntamente ao setor de comunicação social da UHE Itaocara S.A e das instituições educacionais da região. Através desses contatos obtiveram-se os dados que apresentavam a realidade sociocultural, a relação das comunidades escolares com a história local e os patrimônios da região assim como, os trabalhos já realizados com os alunos sobre a temática.

O setor de comunicação social da UHE Itaocara S.A auxiliou também na articulação e divulgação da exposição em meios de comunicação locais, escolas e junto às comunidades de moradores. As secretarias de educação municipais, tanto de Itaocara como Aperibé, demonstraram grande interesse no trabalho, disponibilizando transporte e organizando o quadro das turmas mais indicadas às visitas – com a indicação tanto de turmas avançadas no debate sobre o patrimônio cultural como a utilização do critério de oferecimento de oportunidade àquelas escolas com menor número de atividades extra curriculares.

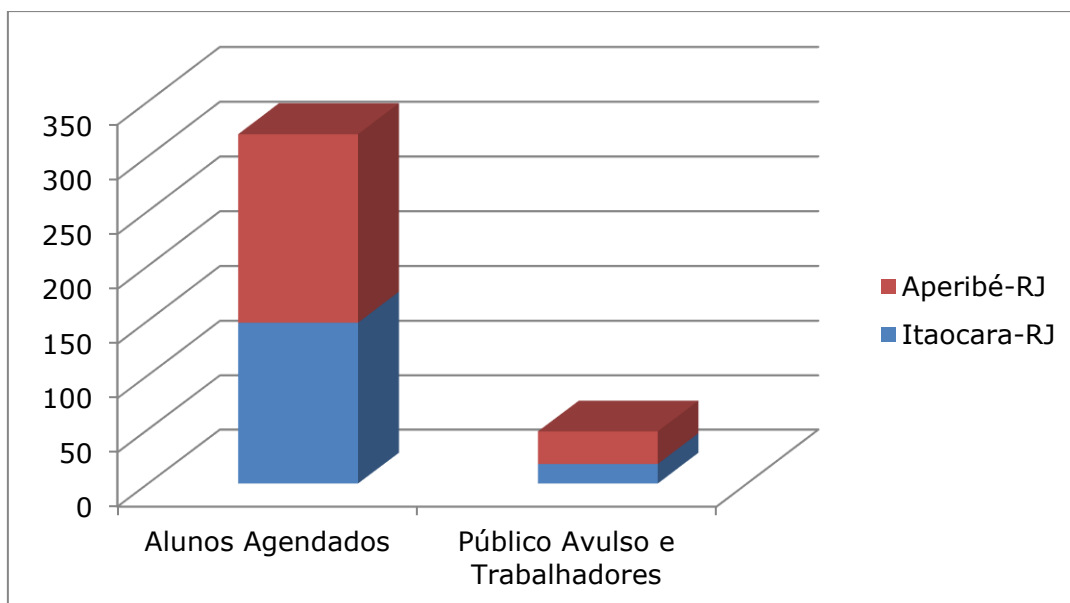
Além do público escolar, também frequentou a exposição público avulso (não vinculado a instituições educativas) e público espontâneo (que não fez qualquer agendamento). Entre o público avulso estiveram alguns membros das secretarias municipais de Itaocara-RJ e Aperibé-RJ, assim

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016

como, entre o público espontâneo estiveram moradores das proximidades do local de realização da Exposição.

As turmas escolares abordadas em Itaocara foram do Colégio Municipal Teotônio Bezerra Vilela, Escola Municipal Cel. José Antônio Teixeira, Escola Estadual Frei Tomás e do curso de agentes socioambientais do SENAC-Itaocara; e em Aperibé foram a Escola Municipalizada Rômulo Sardinha, Colégio Municipal Casimiro A. Fonseca e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Ao todo o número de alunos abordados em atividades agendadas foi de 360 e o total de público avulso e espontâneo e de trabalhadores da UHE Itaocara-S.A foi de 48. Em Itaocara foram 148 alunos e 18 de público avulso/espontâneo/trabalhadores; em Aperibé foram 172 alunos e 30 de público avulso/espontâneo/ trabalhadores.



UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 8.5-1 Panorâmica da Exposição de Educação Patrimonial do Salão do Escritório da UHE Itaocara S.A., em Itaocara-RJ.



Imagem 9.5-2 – Panorâmica da Exposição de Educação Patrimonial no Centro de Convenções do Município de Aperibé-RJ.

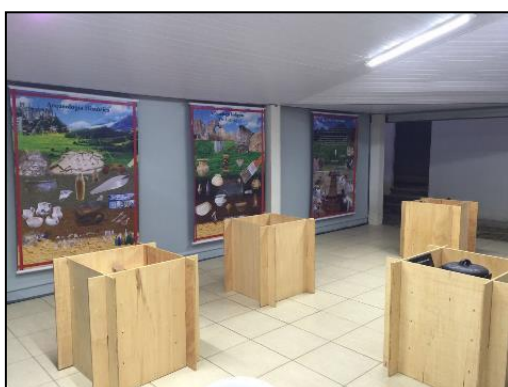


Imagem 9.5-3 Utilização de banners temáticos (ao fundo) – Salão do Escritório da UHE Itaocara S.A., em Itaocara-RJ.



Imagem 9.5-4 Utilização de banners temáticos (ao fundo) – Centro de Convenções do Município de Aperibé-RJ.



Imagem 9.5-5 Interior dos cubos expositivos com mostras de material arqueológico histórico.



Imagem 9.5-6 Cubo expositivo com material tátil (panela de barro moldada e livro de texturas e em braile) para ser utilizado com público geral ou com necessidades especiais.



Imagem 9.5-7 Capa do folder distribuído.

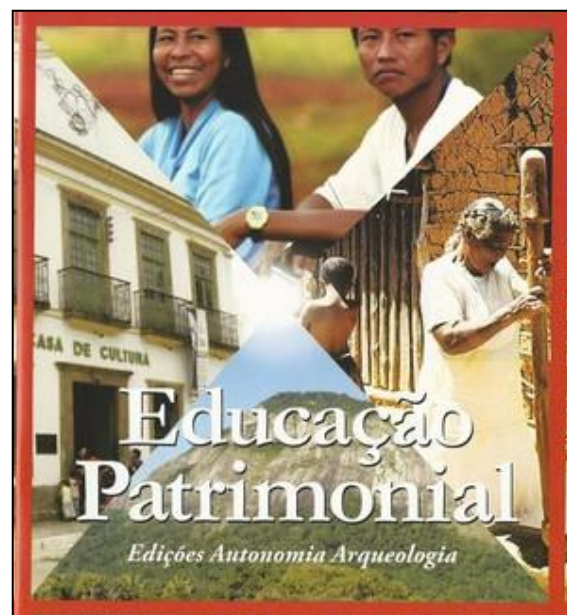


Imagem 9.5-8 Capa da cartilha distribuída.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016


			
Programa de Educação Patrimonial	Ficha educativa (não tem validade registosa)		
FICHA DE REGISTRO DE PATRIMÔNIO CULTURAL			
Nome do património cultural a registar	Código de identificação		
Localização / Município			
Informações históricas regionais / locais			
Inscrição na paisagem / Paisagem atual			
Uso atual / Propriedade / Condições atuais de preservação do património			
Descrição do património - Tipologia / Características / Uso original <table border="1" style="width: 100%; height: 80px;"> <tr> <td style="width: 50%;"></td> <td style="width: 50%; text-align: center;">Registro gráfico</td> </tr> </table>			Registro gráfico
	Registro gráfico		
Informações complementares			
Fontes de informação			
Nome dos responsáveis pelo registo	Data		

Imagem 9.5-9 – Modelo de de ficha para a atividade de simulação de registo do património cultural local.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 9.5-10 Realização das atividades de Educação Patrimonial com 4º e 5º ano do Colégio Municipal Teotônio Bezerra Vilela – no Salão do Escritório da UHE Itaocara S.A, em Itaocara-RJ.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 9.5- 11 Realização das atividades de Educação Patrimonial com 5º ano da Escola Municipal Cel. José Antônio – no Salão do Escritório da UHE Itaocara S.A, em Itaocara-RJ.



Imagem 9.5-12 Realização das atividades de Educação Patrimonial com 9º ano da Escola Estadual Frei Tomás – no Salão do Escritório da UHE Itaocara S.A, em Itaocara-RJ.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 9.5- 13 Realização das atividades de Educação Patrimonial com os trabalhadores da UHE Itaocara – no Salão do Escritório da UHE Itaocara S.A, em Itaocara-RJ.



Imagem 9.5-14 Realização das atividades de Educação Patrimonial com 7º ano Escola Municipal Casimiro Fonseca – no Centro de Convenções do Município de Aperibé-RJ.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 9.5-15 Realização das atividades de Educação Patrimonial com 6º ano da Escola Municipalizada Rômulo Sardinha- no Centro de Convenções do Município de Aperibé-RJ.

UHE Itaocara I - Área do Canteiro de Obras
Outubro de 2016



Imagem 9.5-16 Realização das atividades de Educação Patrimonial com turma especial da APAE de Aperibé – no Centro de Convenções do Município de Aperibé-RJ.



Imagem 9.5 -17 Realização das atividades de Educação Patrimonial com 8º ano Escola Municipal Casimiro Fonseca – no Centro de Convenções do Município de Aperibé-RJ.

9.6. Avaliação das Atividades

As atividades realizadas com cada grupo agendado duraram em média 1 hora e ao longo deste período, verificou-se que no geral o público foi bastante receptivo, circulando por todos os materiais expostos, fazendo bastantes perguntas, expressando grande valor a determinados patrimônios do município (como as suas próprias escolas (no caso de alunos), a Serra da Bolívia, a Pedra do Elefante, a Igreja do Centro de Itaocara) e fazendo relação com a cultura material da atualidade.

A abordagem dos alunos da APAE foi bastante especial, pois além de expressarem bastante interesse pelas mostras dos tipos de patrimônio cultural, demonstraram grande impressionismo com os materiais de experiência tátil. Os alunos com maior capacidade de argumentação desta instituição deram exemplos de patrimônios locais (paisagens e histórias) e reconheceram diferenças entre a cultura material do passado e as atuais.

No geral também, o público abordado demonstrou grande desconhecimento sobre a Arqueologia desenvolvida no município de Aperibé e no Estado do Rio de Janeiro e esse foi um dos grandes fatores para a boa receptividade e o interesse no tema. Além disso, considerou-se alto o nível de compreensão sobre o conceito de Patrimônio Cultural, as distinções entre os diferentes tipos de patrimônios e o reconhecimento do valor do trabalho arqueológico. Por fim, todos ficaram interessados e satisfeitos com a aquisição de folders (distribuição aberta) e cartilhas (distribuição direcionada a público de educadores e gestores escolares e aos trabalhadores da empresa UHE Itaocara S.A.).

Os professores que acompanharam os grupos escolares agendados mostraram grande satisfação com o que foi apresentado e puderam acrescentar conteúdos que já vêm tratando em suas respectivas matérias e disseram que utilizarão o material fotografado pelos alunos e as informações dispostas nos folders e cartilhas para desenvolver outros projetos.

10. Avaliação de Impactos e Recomendações

Conforme apresentado neste relatório final de atividades, foram executadas atividades intensivas nos sítios arqueológicos Boa Vista I, Boa Vista II e Fazenda Angolinha, assim como nas Áreas de Interesse Cultural 1, 4 e 5, que resultaram em consistente material de registro das áreas de pesquisa.

Especificamente em relação ao Sítio Boa Vista I, não estão previstas atividades de obra relacionadas a instalação do empreendimento que possam causar impactos direto sobre a poligonal. Em relação ao Sítio Boa Vista II, está prevista a instalação de um dique sobre parte do sítio, ficando o restante da poligonal submerso quando o empreendimento estiver em operação. O Sítio Fazenda Angolinha ficará com a maior parte de sua poligonal submersa quando o empreendimento estiver em operação.

Tendo em vista as abordagens técnicas aplicadas, a partir de metodologia intensiva, **recomendo que todas as áreas submetidas às intervenções descritas neste relatório sejam liberadas, do ponto de vista arqueológico, para prosseguimento das atividades de licenciamento do empreendimento em tela. No entanto, recomendo que a liberação das áreas estejam condicionadas a instalação de placa de sinalização, no padrão IPHAN, no Sítio Boa Vista I e Sítio Fazenda Angolinha (parte que permanecerá preservada), e que durante o processo de construção do dique, na poligonal do Sítio Boa Vista II, haja monitoramento arqueológico das atividades que impactem o subsolo.**

11. Equipe Técnica

NOME	FUNÇÃO	FORMAÇÃO
Filipe André do Nascimento Coelho	Coordenação Geral (Responsável Técnico pelo Programa)	Historiador e Arqueólogo Bacharel em História, Mestre em Arqueologia e Doutorando em Arqueologia
Klismann Timm Branco	Coordenador de campo de Resgate Arqueológico	Arqueóloga Bacharel em Arqueologia
André Bueno Coutinho	Coordenador de campo de Resgate Arqueológico	Arqueólogo Bacharel em Arqueologia
Bruno Perrone da Rocha	Coordenador de Curadoria e Educação Patrimonial	Historiador Bacharel e Licenciado em História (com monografia com tema de Arqueologia)
Vanini Bernardes Costa de Lima	Educador Patrimonial	Historiadora Licenciada em História, Especialista em Pedagogia e Mestranda em Educação
Carolina Alves D'Almeida	Educador Patrimonial	Filósofa e Arqueóloga Bacharel em Filosofia, Mestre em Arqueologia e Doutoranda em Filosofia
Cidmara Silva de Oliveira	Graduanda em Arqueologia	Graduanda em Arqueologia
Alex Teles dos Santos Silva	Técnico em Arqueologia	Graduanda em Arqueologia
Clayton dos Santos	Técnico em Arqueologia	2º grau completo Treinamento de campo
Bruna Oliveira Vasconcelos	Técnico em Arqueologia	Graduanda em Arqueologia
Hiago Marcos Siqueira de Oliveira	Técnico em Arqueologia	Graduanda em Arqueologia

12. Referências Bibliográficas

- ARAUJO, Astolfo Gomes de Melo. **Teoria e Método em Arqueologia Regional: um estudo de caso no alto Paranapanema, Estado de São Paulo**. Tese de Doutorado – USP, São Paulo, 2001.
- BENTLEY, G.C. **Ethnicity and practice: Comparative Studies in Society and History**. 29 ed. 1987.
- BOAS, F. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 4ª edição. 2007.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003.
- BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva. 1987.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983a.
- BOURDIEU, P. *Gostos de classe e estilos de vida*. In: ORTIZ, R. (org.) **BOURDIEU, Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Editora Ática. 1983b.
- DIEGUES, A.C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Annablume/HUCITEC/NUPAUB-USP. 1994.
- HARRIS, E. C. **Princípios de Estratigrafia Arqueológica**. Crítica, Barcelona, 1991.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico**. Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso em: 5 de maio de 2011.
- JORGE, V.O. **Arqueologia, Patrimônio e Cultura**. Lisboa: Instituto Piaget. 2ª edição. 2007.
- KRAKKER, J.J., SHOTT, M.J. e WELCH, P.D. **Design and evaluation of shovel – test sampling in regional archaeological survey**. *Journal of Field Archaeology* 10:469 – 480, 1983.
- MORAIS, J.L. **Reflexões acerca da arqueologia preventiva**. In: MORI, V.H. et al (org.). *Patrimônio: atualizando o debate*. 9ºSR/ IPHAN, São Paulo, 2006.
- MONEZZI, Renata P. C. **Azulejos do Palácio: suas origens e significações**. In: VIEIRA, António; COSTA, Francisco; REMOALDO, Paula (orgs.). *Cidades, Criatividade(s) e Sustentabilidade(s) – Actas das VIII Jornadas de Geografia e Planeamento 15 e 16 de Novembro de 2012 – Guimarães, Portugal* UMDGEO – Departamento de Geografia da Universidade do Minho. 2012
- SETTON, M.G.J. 2002. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. *Revista Brasileira de Educação*, 20: 60-70.
- TYLOR, E.B. **Primitive Culture**. New York: Brentano's. 2 vols. 7ª ed. [orig. 1871] 1924.
- PLOG, S. et al. **Decision Making in Modern Surveys**. *Advances in Archaeological Method e Theory* 1: 383-421, 1978.



ANEXOS

